



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E
HUMANIDADES**

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**DOIS SANTOS, DUAS HAGIOGRAFIAS:
SANTO ISIDORO DE SEVILHA E SANTA ISABEL DE PORTUGAL**

YASMIN BARRETO DE SOUZA FERNANDES

MONOGRAFIA – GRADUAÇÃO

GOIÂNIA

2025

Yasmin Barreto de Souza Fernandes

Dois Santos, Duas Hagiografias:

Santo Isidoro de Sevilha e Santa Isabel De Portugal

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História. Curso de História pertencente à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento.

GOIÂNIA
2025

YASMIN BARRETO DE SOUZA FERNANDES

**DOIS SANTOS, DUAS HAGIOGRAFIAS:
SANTO ISIDORO DE SEVILHA E SANTA ISABEL DE PORTUGAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado
como requisito para obtenção do título de Licenciado em
História, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

DRA. RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO (PUC Goiás)
Orientador/Presidente da Banca

DR. HUGO RINCON AZEVEDO (PUC Goiás)
AVALIADOR 1

GOIÂNIA
2025

DEDICATÓRIA

A todos os historiadores. A todos os medievalistas.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, quero agradecer a Deus, a nosso pai Olorum, a nosso pai Oxalá, por terem me permitido chegar até onde estou, por terem me acompanhado e me mantido em pé durante toda minha jornada. E, especialmente, agradeço minha mãe Nanã, por reger meu *orí* e encher meu coração.

Primeiro, quero agradecer a meu avô, seu Ademar Cardoso, que foi o responsável pela minha criação e educação. Sem sua presença na minha vida, eu não teria me tornado metade de quem sou hoje. Ao senhor, devo tudo.

Agradeço, em segundo, a meu pai de santo, Henry Safady, quem me acolheu em um dos momentos mais difíceis da minha vida, quem zelou, aconselhou e acreditou no meu potencial, especialmente quando eu mesma não o via. Sua companhia foi essencial para meus passos, tanto na minha vida espiritual como pessoal. Verdadeiro pai.

Agradeço imensamente às minhas famílias de consideração, pelo seu carinho e acolhimento que eu jamais saberei como retribuir. De um lado, Lidiane dos Anjos, Paulo Henrique, Heitor Henrique, e a Júlia Borges, minhas raízes. De outro, Ana Cristina Aquino e João Carlos Silva, meu florescer.

E à Júlia Aquino. Minha cara-metade, minha amiga, minha irmã, minha força e minha confidente. Sem você, eu não seria/não teria nada. Nosso pai Oxalá sabia que meu par era você.

À profa. Renata, por ser inspiração e confiança, excelente pesquisadora e professora, quem acreditou em mim e no meu potencial. Com a senhora pude ir mais longe do que meus olhos podem ver e minha mente imaginar. Minha admiração e carinho pela senhora cresce a cada dia.

Aos professores que moldaram minha formação, Hugo Rincon, Ivan Vieira Neto, Johnny Taliateli, Maria Cristina Nunes e Simone Schmaltz, profissionais exemplares, com quem tive a honra de viver tantos momentos.

Quero agradecer também aos meus companheiros de curso. Primeiramente, a meus veteranos, que preencheram meus dias de risadas e conselhos, em quem me inspirei durante toda minha jornada acadêmica. A Paula Porfírio, a Sarah Avelar, ao Thercyo Silva e ao Wemerson Romualdo, com vocês pude ver os diferentes caminhos que poderiam ser trilhados, e espero que saibam que sempre carreguei comigo nossas memórias. A meus colegas de sala, com quem compartilhei meus anos de formação, Ana Clara Duarte, Jordana França, Larissa Ribas e Luiz

Ricardo. E, claro, a quem compartilhei não somente meu acadêmico, mas minha vida, Letícia Pires, Vinícius Rios, e, especialmente à minha dupla, Rafael Bueno.

Às minhas mais íntimas amigas, Ana Paula Marques, Beatriz Tannús, Giovanna Rodrigues, Laura Cardoso, Maria Júlia Moura, Rafaela Cardoso e Sophia de Paula que conhecem além do meu sorriso, mas também meu olhar e meu âmagô. Às minhas *girlies*, Ana Luiza Venancio, Ana Luiza Vicente, Geicy Caires e Júlia Bianchi. Ao Gabriel Garcia e ao Murilo Augusto, pelas caronas, pelo carisma e pelo amor.

Aos meus irmãos de santo, em especial a Rayllana Almeida.

E ao Bernardo Arêas, por ter sido suporte por tantos anos.

Sou grata por ter tantos nomes a mencionar.

RESUMO

A veneração ao santo e às suas relíquias exemplificam como a Igreja influenciava questões territoriais e políticas, fortalecendo a coesão e identidade da Península Ibérica, buscando elevar a fé cristã e a autoridade da Igreja, moldando a cultura e as crenças da época. O estudo monográfico analisa o impacto religioso e político de dois santos ibéricos medievais, Santo Isidoro de Sevilha (séc. VI-VII) e a Rainha Santa Isabel de Portugal (séc. XIII), juntamente à função de suas relíquias sagradas no fortalecimento da fé e identidade política, especialmente no contexto da Reconquista cristã contra o domínio muçulmano na Península Ibérica. O estudo ressalta a importância das obras hagiográficas para entender o imaginário medieval, onde o sagrado e o político se misturavam. As hagiografias escolhidas para análise sendo *Milagros de San Isidoro* (1992) e *Vidas e Milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal* (1921).

Palavras-chaves: Santo Isidoro de Sevilha, Santa Isabel de Portugal, Relíquias, Memória, Política.

ABSTRACT

The veneration of the saint and their relics exemplifies how the Church influenced territorial and political matters, strengthening the cohesion and identity of the Iberian Peninsula while seeking to elevate Christian faith and ecclesiastical authority, shaping the culture and beliefs of their time. This monographic study analyzes the religious and political impact of two medieval Iberian saints, Saint Isidore of Seville (6th-7th centuries) and Queen Saint Isabel of Portugal (13th century), along with the role of their sacred relics reinforcing faith and political identity, especially within the context of the Christian Reconquest against the Muslim rule in the Iberian Peninsula. The study highlights the importance of hagiographic works for understanding the medieval imaginary, in which the sacred and political are intertwined. The hagiographies selected for the analysis are *Milagros de San Isidoro* (1992) and *Vidas e Milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal* (1921).

Key-words: Saint Isidore of Seville, Saint Isabel of Portugal, Relics, Memory, Politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Espanha	21
Figura 2 – Mapa da Espanha, foco em Sevilha.....	22
Figura 3 – Real Colegiata de San Isidoro, em Leão, Espanha.....	24
Figura 4 – Panteão Real da Colegiada de Santo Isidoro, Leão, Espanha	25
Figura 5 – Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, Portugal.....	26
Figura 6 – Projeto do Mosteiro.....	27
Figura 7 – Estátua da Rainha Isabel de Aragão no mosteiro de Santa Clara-a-Nova	28
Figura 8 – Santo Isidoro de Sevilha.....	29
Figura 9 – <i>Vida y Milagros de San Isidoro</i> (1992), capa.....	34
Figura 10 – Página ilustrativa de <i>Vida y Milagros de San Isidoro</i> (1992)	36
Figura 11 – Túmulo com jacente de Dona Isabel de Aragão, a Rainha Santa – Vista geral.....	41
Figura 12 – Túmulo com jacente de Dona Isabel de Aragão, a Rainha Santa – Reverso do baldaquino.	41
Figura 13 – Página da obra <i>Vidas e Milagres de Dona Isabel</i>	44
Figura 14 – Rainha Isabel.....	44
Figura 15 – Pintura retratando o Milagre das Rosas	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. SANTIDADES IBÉRICAS: CONTEXTO E CONCEITOS.....	15
2.1 Hagiografias e Biografias.....	15
2.2 Santos e Relíquias na “Hispania” Medieval.....	15
2.3 Lugares de Memória.....	18
2.3.1 <i>A Colegiata de San Isidoro.....</i>	<i>20</i>
2.3.2 <i>Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.....</i>	<i>25</i>
3. ESTUDO DE CASOS: SANTIDADES IBÉRICAS CÉLEBRES.....	28
3.1 Santo Isidoro de Sevilha.....	29
3.1.1 <i>Biografia.....</i>	<i>29</i>
3.1.2 <i>Milagros de San Isidoro.....</i>	<i>33</i>
3.2 Santa Isabel de Portugal.....	37
3.2.1 <i>Biografia.....</i>	<i>37</i>
3.2.2 <i>Vida e Milagres Dona Isabel, Rainha de Portugal.....</i>	<i>42</i>
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

Com a queda do Império Romano Ocidental, após as “migrações bárbaras”, a Península Ibérica se vê num momento que requer a formação de outros reinos, essas com suas identidades próprias e capazes de resistir às demais invasões. Em específico para esse estudo monográfico, analisamos primeiro o reino visigodo, também considerada “bárbaro” pelo Império, mas que rapidamente se estruturou habilmente.

Em 585 d.C., o rei visigodo Leovigildo conquistou o território suevo, anexando quase toda a Hispânia ao reino visigodo. Até aquele momento, os godos eram cristãos arianos. É importante ressaltar que quando o rei se converte, seus súditos automaticamente se convertem junto a ele. Portanto, quando ocorre o III Concílio de Toledo em que Recaredo se converte ao catolicismo, toda a nação goda o acompanha, ou seja, quase toda a Hispânia.

É importante compreender isso, dado que durante o século VIII com a ocupação muçulmana ocorre uma disputa religiosa violenta, afim de amedrontar e expulsar povos islâmicos que estariam convivendo na Península Ibérica com os cristãos. Esse movimento se consolida com Concílio de Clermont, realizado em 27 de novembro de 1095, quando Papa Urbano II propõe aos demais cristãos uma viagem a Jerusalém e, que em sua jornada, seja feita a libertação dos povos sob domínio muçulmano, essa movimentação sendo conhecida como as Cruzadas, com o objetivo da Reconquista. Esse objetivo comum conduz grande parte das ações do século XI ao XIV, sendo uma constante preocupação geral, afetando o social, econômico e político do continente.

Por se tratar de um estudo comparado, é importante visualizar e compreender o contexto histórico que afeta tão diretamente o imaginário medieval. O recorte temporal abrange desde a Antiguidade Tardia até a Idade Média, com específicos cortes dando enfoque para o período de vida dos personagens escolhidos. Vejamos, o contexto em que Isidoro está inserido é o da Antiguidade Tardia¹, do final do século VI ao início do século VII. Em especial, suas preocupações são exatamente maneiras de como consolidar o reino visigodo em Sevilha, como um reino forte o suficiente para levar adiante o legado romano. Enquanto dona Isabel de Aragão, personagem do século XIII, lida com diferentes conflitos políticos totalmente referentes à vida particular da rainha. Sua participação sendo indispensável para o desenrolar desses conflitos

¹ Para Renan Frighetto, autor e historiador, o período da Antiguidade Tardia se define como o momento de transição após a queda do Império Romano para a Idade Média, ou seja, do século II ao VIII.

Ao tratar de um estudo comparativo é importante compreender que não somente as semelhanças constroem o estudo, sendo as diferenças que excitam o pesquisador, justamente para analisar o porquê de suas diferenças aproximarem os casos analisados. Para além disso, o autor José de Assunção Barros afirma que:

(...) a História Comparada tanto impõe a escolha de um recorte geminado de espaço e tempo que obrigará o historiador a atravessar duas ou mais realidades sócio-econômicas, políticas ou culturais distintas, como de outro lado esta mesma História Comparada parece imprimir, através do seu próprio modo de observar a realidade histórica, a necessidade a cada instante atualizada de conciliar uma reflexão simultaneamente atenta às semelhanças e às diferenças, repensando as metodologias associáveis a esta prática. (BARROS, 2007, pp. 2).

A metodologia se baseia no estudo historiográfico, pesquisando fontes primárias (como as Hagiografias e o *Beatus Facundus*) e referências bibliográficas afim de entender sobre o tema a fundo, tudo a partir de um olhar crítico e histórico. As leituras analisadas em destaque são as Hagiografias dos santos escolhidos, para Santo Isidoro *Milagros de San Isidoro* (1992) feita pelo bispo Lucas de Tuy, e para *Santa Isabel de Aragão Vida e Milagres Dona Isabel, Rainha de Portugal* (1921) por J. J. Nunes.

Estudos historiográficos são indispensáveis para a construção desta monografia, autores como François Hartog, Jacques LeGoff, Marc Bloch, Michael Pollak, Pierre Nora e Reinhart Koselleck foram base para a nossa discussão científica. Em destaque as obras *Os Reis Taumaturgos: Estudo sobre o caráter sobrenatural do poder régio na França e na Inglaterra* de Marc Bloch (2020)² e *Entre memória e história: a problemática dos lugares* de Pierre Nora (1993)³.

Nora (1993) destaca os conceitos de História e Memória, em que diferencia como a memória é um passado absoluto suscetível ao esquecimento a partir do momento que uma comunidade não aplica mais costumes, tradições e objetos no seu dia a dia, e, portanto, cria-se a necessidade da História e os Lugares de Memória, os dois responsáveis por manter a memória viva e acessível ao coletivo.

A obra de Bloch (2020) é importante para esse estudo por apresentar como a monarquia e a

² BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra**. Editora Vozes, 2020.

³ NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

Igreja possuem papéis tão similares na comunidade medieval, ainda que contra a regra social implícita de que cada um desses poderes deveria ter áreas de influência delimitada. Bloch ao analisar os Reis Taumaturgos da França e da Inglaterra traz não somente uma etiqueta necessária ao fazer um estudo comparativo, mas também expõe como o sagrado sempre tenta manter contato com o leigo e vice-versa.

A junção dessas duas obras constrói a base do pensamento desse estudo. A ideia é compreender como a política e a religião estiveram atreladas no medievo ibérico, esse sendo o objetivo principal para esta monografia, analisando de forma que compreenda como esses dois casos se relacionam com a fé e seu envolvimento com a política. A principal atividade de um príncipe medieval – ou, no caso, de uma rainha – sendo a propagação da fé cristã, por exemplo.

Assim como Nora explica, o papel do Historiador é “desconfiar” dos fatos. Por tratar-se de personagens respeitados e impactantes para a formação da identidade ibérica, o olhar crítico do historiador vai para além do fato, mas do que o fato causa nas pessoas. Ao lidar com o sagrado é também lidar com as emoções que ele causa.

Por se tratar de santo célebres, inúmeras obras são produzidas anualmente, porém os autores que ganharam maior enfoque para este estudo monográfico são Emma Falque Rey⁴, Joana Ramôa⁵,

⁴REY, Emma Falque. **De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro**. Anuario de Historia de la Iglesia andaluza, n. 9, p. 11-31, 2016.

⁵ RAMÔA, Joana. **Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade**, *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 08 agosto 2013, consultado o 23 março 2025. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/356>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.35>

Joana Gomes⁶, José Carlos Gimenez⁷, Pâmela Torres Michelette⁸, Renan Frighetto⁹ e Renata Nascimento¹⁰.

Quanto à Justificativa diante a escolha desse tema, dá-se da minha jornada acadêmica e minha afinidade com História Medieval. Durante minha formação, produzi duas Iniciações Científicas que culminaram na minha escolha de tema para esse estudo monográfico, ambas se tratando das relíquias de Isidoro de Sevilha, e com elas foi possível, inclusive, obter a bolsa BIC, oferecida pela Pontifícia. Além disso, participei de grupos de estudos, *Outremer* (Unifesp) e o *Loci Sepulcrales* (PUC-GO) em especial, todos voltados para a Idade Média, o interesse sempre sendo aprofundado e excitado durante seus encontros.

Por fim, explico os dois capítulos que compõe esse estudo monográfico. No Capítulo 1, *Santidades Ibéricas: Contexto e Conceitos*, apresenta-se de forma mais detalhada os conceitos de

⁶ GOMES, Joana. **Santos e reis na historiografia dinástica em Leão e Castela (1120-1194)**. Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, n. 27, p. 35-57, 2021.

GOMES, Joana. **Reis e Santos na historiografia dinástica em Leão e Castela (1120-1194)**. VS 27 (2020), p. 33 – 57.

⁷ GIMENEZ, José Carlos. **O Papel Político da Rainha Isabel de Portugal na Península Ibérica: 1280-1336**. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

GIMENEZ, José Carlos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **TRASLADO DAS SANTAS RELÍQUIAS EM PORTUGAL E NO BRASIL: um fenômeno de longa duração**. UM FENÔMENO DE LONGA DURAÇÃO. 2023. Disponível em: <https://revistas.ucv.es/specula/index.php/specula/article/view/1125/1229>. Acesso em: 24 fev. 20

GIMENEZ, José Carlos. **Rainha Santa Isabel: a (re) construção de uma hagiografia**. Revista Mosaico-Revista de História, v. 6, n. 2, p. 195-203, 2013.

⁸ MICHELETTE, Pâmela Torres. **A concepção de realeza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha**. 2012.

MICHELETTE, Pâmela Torres. **Educação e cultura no reino visigodo: o ideal de educação em Isidoro de Sevilha**. 2018.

⁹ FRIGHETTO, Renan. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII)**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010.

¹⁰ NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. In: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé: narrativas e sacralidades no mundo ibérico**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa & SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org). Dicionário: **Cem Fragmentos Biográficos: A Idade Média em Trajetórias**. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020.

Hagiografia, Relíquias e Lugares de Memória, analisando em específico a Real Colegiada de Santo Isidoro, em Leão, na Espanha, e o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, Portugal. Já o capítulo 2, Estudo de casos: Dois santos célebres, aprofundamos no tema central desta monografia, analisando a vida, canonização e livro dos milagres de Santo Isidoro de Sevilha e da Rainha Santa Isabel de Aragão.

2. SANTIDADES IBÉRICAS: CONTEXTO E CONCEITOS

2.1 Hagiografias e Biografias

Primeiramente, é importante compreender o que são as Hagiografias e sua importância para o culto dos santos. A Hagiografia se define como obra feita para relatar a vida, morte, contribuições para a fé cristã nos santos ou figuras religiosas, em suma uma biografia específica sobre personagens considerados especiais.

Não é incomum comissões para Livros de Milagres e/ou hagiografias serem feitas próximas a data de morte de figuras importantes. A hagiografia de ambos Santo Isidoro de Sevilha e Santa Isabel tenham sido produzidas, inclusive, antes deles serem oficialmente reconhecidos como santos. Isso ocorre exatamente para fazer uma campanha para canonizar o personagem, essas obras sendo feitas para documentar os feitos que atendam aos requerimentos da beatificação e canonização. Esses documentos atuam normalmente para um público mais erudito. As hagiografias expõem o imaginário de seu contexto, o que aquele povo prioriza e admira. A memória hagiográfica de Isidoro de Sevilha, por exemplo, se expandiu significativamente após o traslado de suas relíquias em 1063, sendo uma das mais famosas a fonte primária escolhida para esse estudo monográfico, *Milagros de San Isidoro* (1992). Em contraste com dona Isabel de Aragão (e Portugal) em que sua hagiografia foi feita poucos anos após sua morte.

2.2 Santos e Relíquias na “Hispania” Medieval

Na Hispânia¹¹, a identidade do Reino é essencialmente atrelada à sua espiritualidade. O santo molda e expõe a realidade daquele contexto. O santo por muito tempo se tratava de personagens bíblicos, entretanto com os processos de beatificação e canonização começou a ser cada vez mais comum para indivíduos normais que se tornam extraordinários através de sua fé admirável serem reconhecidos como santos pela Igreja, podendo ser monarcas ou membros da eclesia.

A canonização de santos na Igreja é um procedimento formal pelo qual uma pessoa falecida é reconhecida oficialmente como santa. O termo "canonização" vem da palavra grega *kanon*, que significa "regra" ou "norma", e refere-se ao processo de estabelecer uma norma ou padrão para veneração dentro da comunidade católica. A canonização é um processo longo e meticuloso que geralmente ocorre em várias etapas, dentre elas a fase Diocesana, a Declaração de Servo de Deus, a Romana, a Beatificação e, por fim, a Canonização.¹²

O canonizado quando recebe o título de santo naquela cultura que o promoveu estabelece significados poderosos dentro desta mesma sociedade, expandindo-se para outras culturas na medida em que há o entrelaçamento entre os povos, o que poderá exercer influência sobre a cultura social, podendo ou não reforçar as crenças cristãs e exerce influência efetiva sobre a sociedade. (SUHET, p. 16, 2014).

Esses indivíduos se destacam por sua misericórdia e amparo aos menos afortunados, isso em vida ou pós-morte. A vida do santo sempre é carregada pelo martírio e pela caridade, sua existência sendo um tipo de intercessão de Deus, que usa essas pessoas para operar milagres e espalhar a fé cristã. A partir dessa noção, entendemos que essas pessoas que nasceram e passaram pelas dificuldades mundanas que todos passam tornam concreto o espiritual, tornam-no entendível e tátil. Não somente essas pessoas intercedem de forma física, mas seus pertences também – mais conhecidas como relíquias de segundo grau –, algo tão característico da fé católica.

Assim, é um conceito de suma importância para o entendimento do cerne desse estudo o de Relíquias Sagradas. O termo “reliquia” se aplica dentro de uma esfera religiosa, tratando-se desde restos mortais de qualquer figura divina e/ou personagens bíblicos, além de devotos da fé Cristã, a objetos por contato, ou seja, pertences ou objetos meramente tocados por essas figuras, tendo como exemplo vestimentas, livros, móveis, entre outros. As Relíquias Sagradas variam em formato e tamanho, porém todas se definem como parte do sagrado, assim “para a religiosidade das massas,

¹¹ A Hispânia é o nome dado à toda região da Península Ibérica durante o Império Romano.

¹² CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

o transcendente poderia ser palpável. Esse é um importante significado das relíquias, como objetos de culto e expressões de fé.” (NASCIMENTO, 2022, p. 27.). A relíquia é conceitualmente definida como resto, porém ela é um símbolo de evidência de Deus, podendo ser considerada até como uma garantia da presença do sagrado.

A partir disso, discutimos seu papel para o cristianismo, que vai além da fé, incluindo também a sua função geopolítica, dado que o local onde a relíquia é descoberta ou onde reside é considerado um local com forte presença do divino, e consequentemente, a cidade que possui correlação com a relíquia ganha relevância, não somente para a cristandade, mas também para as peregrinações. O traslado ou transladação é de forma simples da tradução do latim *translatio*, podendo significar tanto “mudar” como “transferência”, ou seja, “movimento”. Assim, a transladação seria em consenso uma transferência de corpos, objetos e pertences dos santos ou outras figuras importantes dentro da crença cristã de um local para outro. E, ao redor dessas relíquias, cria-se um imaginário forte o suficiente para alimentar a fé cristã, tornando, então, as sacralidades dignas de culto.

Não somente isso, a relíquia sendo capaz de sacralizar o local em que ela está inserida. Ainda mais, a transladação torna todas as regiões que já tiveram domínio sobre o objeto sagrado significativas, não somente pela posse, mas por propagar a fé cristã ao expandir para demais regiões, as conectando. A relíquia podendo ser vendida, concedida ou furtada, a sua movimentação sendo quase parte da sua liturgia.

Sabemos que o culto das relíquias é uma das facetas mais importantes do cristianismo medieval. Entre outras coisas, as relíquias estão intimamente ligadas à consagração de igrejas e a sua presença num determinado lugar tem uma forte dimensão identitária, capaz de assegurar a coesão dentro de uma comunidade. Obtê-las, garante aos seus possuidores uma série de benefícios, não apenas espirituais, mas também de carácter político-social. (GOMES, p 43, 2020.)

É fato que objetos e restos mortais de figuras sagradas ou do prelado são de extrema importância para ambas a identidade e relação com o divino do território em posse delas. Consequentemente, a partir deste movimento, cria-se a dúvida do motivo para ocorrer tão frequentemente a transladação dessas relíquias, ao mesmo tempo que explica ser tão usual o furto de relíquias. A explicação para o processo do traslado seria o fato de que com essas viagens exista um maior alcance da fé cristã em diferentes locais. De certa forma, com a movimentação da relíquia ocorre o traslado da terra santa, o *translatio* sendo um tipo de transmissão de memória.

Mas se tivermos em conta que a transferência dos corpos dos santos de um lugar a um outro implica uma apropriação de uma identidade que acarreta a transferência de

legitimidade e prestígio, motivo pelo qual, na ausência de um consenso relativamente à transferência das relíquias, se opta pelo seu furto, é relevante também pensar que trajectos elas percorrem, no sentido em que esta movimentação cria um laço entre dois espaços distintos. (GOMES, p 43, 2020.)

A cura de enfermos ao chegarem perto ou tocarem as relíquias é essencial para compreender como a relíquia é objeto que transcende a matéria e conecta o leigo ao sagrado. Relíquia é sinônimo esperança e emoção para os fiéis, sendo ela uma realidade transcendental, ao usar dos sentidos como a visão, o tato e olfato torna o sagrado real, sensível.

Além disso, tendo em vista que a Península Ibérica medieval passa pela ocupação islâmica e, conseqüentemente, ocorre um enorme embate religioso para afirmar quem seria mais influente e soberano na Europa, entende-se que a relíquia seria um ato de “resistência” ao Islamismo, sua forma e presença sendo para além de um objeto de afeto e fé para os fiéis católicos, mas também uma prova legítima que oficializa a superioridade da cristandade para os infiéis através do material que afirma a presença do imaterial, daquilo que transcende a matéria. Seu papel sendo plural.

2.3 Lugares de Memória

Pierre Nora (1993) define que os lugares de memória se fazem necessários para manter viva um costume ou memória que está se perdendo, a Memória por ser algo subjetivo, capaz de sofrer alguma distorção se tornando um assunto delicado na História. Os monumentos aos mortos tornam viva a memória, esses lugares de memória então se responsabilizam por manter presente uma identidade com tradições e vivências.

Toda memória é coletiva. A necessidade de locais públicos monumentais, arquivos, museus, santuários, cemitérios e datas comemorativas é em prol da comunidade para lembrar do passado definitivo e se preparar para o futuro. Essa noção sobre a memória inevitavelmente cria uma consciência histórica arquivista, que se responsabiliza por registrar e proteger costumes e crenças anteriores.

Assim, cabe o questionamento de como um objeto de cunho religioso se encaixa nessas definições dentro do estudo da História. Para além da História das Sensibilidades e Emoções, em História e Memória percebemos que a relíquia é não somente uma transmissão de milagres, mas também uma transmissão de memória, ela é identitária e sobrevive ao tempo através das emoções que ela causa, através do testemunho que ela mantém vivo, da existência não só do santo que um

dia esteve em terra, mas também da presença do divino agindo na vida dos fiéis. A relíquia em si se define como a parte de algo (ou alguém), assim como os lugares de memória são, antes de tudo, restos (NORA, 1993, pp. 12).

Barros (2009) afirma que onde existe o humano, pode-se dizer que a Memória estabelece-se, gerando os seus lugares de memória. Assim como Nora compreende que exatamente por ser uma comunidade que se cria a necessidade de monumentos que solidifiquem a memória, já que é pela nação que nossa memória se manteve no sagrado (NORA, 1993, pp. 11). A junção dos conceitos usados até então criam a base desse trabalho. Analisemos os mosteiros.

O mosteiro é uma ilha entre o céu e a terra. Ou seja, capaz de operar a sacralização do espaço. Em primeira instância, o objetivo desses locais tem como ponto focal a dedicação a fé, seguindo a Regra de São Bento¹³. Ao pensar os mosteiros, Santo Isidoro propõe a Regra dos monges defendendo uma vida comunitária em que todos deveriam não somente comerem juntos, dormirem juntos, mas também serem enterrados juntos para compartilharem a morte assim como compartilharam a vida através da missão de caridade que dividiam. A ideia de espaços comunitários para tais funções nasce no século VII. Essa experiência que simultaneamente exigia isolamento e comunidade moldava os monges de forma que, por não servirem a senhores, reis ou papas, eles construiriam um império religioso monástico.

A abertura dos mosteiros para demais indivíduos tem como seu maior pico os peregrinos do Caminho de Santiago. O Caminho de Santiago foi, e é, um movimento religioso que instiga a fé através da peregrinação, essa peregrinação. O exercício de hospitalidade é vital para os monges, a caridade aos povos e peregrinos sendo essencial para sua doutrina.

Mosteiros podem ser, então, considerados Lugares de Memória, especialmente após sua abertura para público. A fé é uma atividade coletiva, assim como a memória. Não somente por ser um espaço que é preservado através dos séculos, sendo muitos mosteiros locais turísticos, mas também por se responsabilizarem por armazenarem itens valiosos, pinturas, obras intelectuais, relíquias e sepulturas. A tradição é lembrada e valiosa dentro desse local. O sagrado é uma manifestação do passado que atua no presente, a fé sacralizando a memória.

¹³ Como atestam as Regras Monásticas ocidentais, um mosteiro se define por seu claustro. Chamada em várias regras de claustra monasterii, especialmente na Regra de São Bento (Regula Benedicti, c. 66 e 67), a clausura, que poderia ter formas muito diversas, mal conhecidas para períodos antigos, nem sempre materiais ao que parece, manifesta uma vontade de distanciamento do mundo profano e, portanto, uma forma de segregação social entre os “indivíduos-fora-do-mundo” (os monges) e o resto da população. (LAUWERS, 2014, pp. 5).

2.3.1 A Colegiata de San Isidoro

Após conquistar o território de León e assassinar seu cunhado, Fernando I de Castela (1016-1065 d.C.)¹⁴ herda o trono de Bermudo III (1016-1037)¹⁵, até então rei de León, considerando que o trono consequentemente ficaria vago por falta de sucessores homens, e por ser esposo de Dona Sancha I – filha de Afonso V e irmã do último rei de León, Bermudo III. Assim, Fernando I, o Grande, é coroado e ungido em 1037 d.C. pelo bispo de León na igreja Santa María de Regla de León, oficializando seu reinado.

Fernando I era um rei com um longo histórico de batalhas, tendo uma boa porcentagem de vitórias ao seu favor. Ele se caracterizava por ser um rei cristão, seu interesse em combates através do território da Península Ibérica vindo da sua grande aversão a ocupação muçulmana, sendo seu grande objetivo a “Reconquista”. Sua luta se caracteriza pela devoção a santos que legitimassem a busca pela (re)conquista do território cristão, um dos principais escolhidos sendo São Tiago.

O rei é, em muitos casos, como um amplificador das ações de um determinado santo, no sentido em que age de forma a fazer transcender a sua dimensão individual, transformando-o num símbolo identitário de um grupo restrito ou de uma colectividade mais alargada. (GOMES, 2020, pp. 38)

Sua fé era uma característica essencial para sua trajetória e triunfo como rei de Leão e Castela. Sua reputação seria consolidada através de não apenas seu êxito bélico, mas também das diversas testemunhas sagradas de sua grandeza, atualmente estas estando guardadas na Colegiada de São Isidoro, onde está o Tesouro Real Leonês. A vasta coleção de Fernando I e Sancha I – contando com o livro de *Beatus*, as altas doações para a infraestrutura da Colegiada, objetos de grande valor monetário e significado atrelado a realeza e com a presença das relíquias de S. Isidoro – é, portanto, um fator oficializador do poder que o rei e a rainha têm não somente territorialmente, mas também transcendental, esse “poder” (podendo significar influência, proteção e benção) sendo concedido por Deus.

¹⁴ Fernando I também conhecido como Fernando Magno, foi um governante marcante pela sua contribuição para a unificação dos reinos que atualmente compõe a Espanha. Seu Reinado foi de 1037 a 1065.

¹⁵ Herdeiro de Afonso V de Leão (994-1028 d.C).

Em 1063 d. C., o rei Fernando vem a despertar seu interesse em relíquias sagradas, sob influência da rainha Sancha I, sua esposa. Tendo a rainha sugerindo que seu marido prepare suas sepulturas no reino e que, para honrá-la, ele deveria trazer relíquias para compor sua coleção real¹⁶, inicia-se um grande investimento na busca de aquisições de sacralidades – que posteriormente auxiliaria na construção de uma narrativa que fortalecesse o vínculo e relação religiosa entre o divino e o reino de Leão, e, conseqüentemente, geraria importância turística e política para a região.

A transladação das relíquias de Santo Isidoro seria de significativa importância para ambos os reinos de Leão e Sevilha, considerando que o ato de transladar torna todas as regiões que já tiveram domínio sobre o objeto sagrado significativas, não somente pela posse, mas por propagar a fé cristã ao expandir para demais regiões, criando uma rota interligada pela fé. A seguir trago duas imagens para melhor visualizar o trajeto dessas relíquias:



Figura 1: Mapa da Espanha, em vermelho o reino de Castela e Leão. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FCastela_e_Le%25C3%25A3o&ved=0CBUQjRxqGAoTCOCUg7ifhZEDFQAAAAAdAAAAABDWAQ&opi=89978449

¹⁶ REY, Emma Falque. De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro. *Anuario de Historia de la Iglesia andaluza*, n. 9, p. 11-31, 2016.



Figura 2: Mapa da Espanha, em destaque Sevilha. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http%3A%2F%2Fwww.intercambioaz.com.br%2Fintercambio%2Fsevilha-encanta-intercambistas-e-turistas-conheca-esta-joia-espanhola%2F&ved=0CBUQjRxqFwoTCMjS1eqfhZEDFQAAAAAdAAAAABAH&opi=89978449>

Prosseguindo, então, posteriormente, quando o rei de Sevilha, Benabet¹⁷, autoriza a coleta das relíquias – a princípio se tratando das relíquias de Santa Justa Virgem, ao invés das relíquias de S. Isidoro –, imediatamente Fernando I envia ambos prelados de Astorga, Ordoño e o bispo de Leão, Alvito, para cumprir essa missão.

Entretanto, chegando em Sevilha, tanto o bispo quanto o prelado receberam a notícia de Benabet de que, na realidade, Sevilha não tinha em posse as relíquias prometidas. Apesar do rei de Leão ter sido notificado da ausência destes, antes de sequer receber a carta sinalizando o ocorrido, foi descoberta a sepultura de Santo Isidoro, sendo a localização revelada supostamente em sonho, e a partir disso, os enviados de Leão tomam a decisão de trazer as relíquias isidorianas à Leão.

O papel da relíquia para o cristianismo, que vai além da fé, inclui também sua função geopolítica, dado que o local onde a relíquia é descoberta ou onde reside é considerado um local com forte presença do divino, e consequentemente, a cidade que possui correlação com a relíquia

¹⁷ Sevilha estaria naquele contexto sob dominação muçulmana.

ganha relevância, não somente para a cristandade, mas também para as peregrinações. A relíquia é tão indispensável que até mesmo em guerras não é possível que nenhuma Ordem Militar medieval possa seguir adiante em batalha sem carregar uma relíquia, como forma de proteção e até afirmação de vitória.

Ademais, do traslado de relíquias e sua crescente coleção de objetos sagrados, Fernando I se destaca também pela sua decisão de encomendar um *Beatus* sobre si e sua esposa, Sancha I. O *Beatus de Facundus* é, então, uma obra significativa para além do artístico e religioso, de modo que se encarregava de reafirmar seu poder enquanto rei de Leão, ainda manifestando sua riqueza e autoridade. Por tratar-se de uma obra compósita, recorre a citações de pensadores considerados autoridades sobre o tema do Apocalipse, como Isidoro de Sevilha, Ticônio e Primasio, resultando em algo parecido com o que depois veio a chamar-se de *Catena áurea*. (FAVORETO, 2011, p. 2). Esse livro sendo originalmente feito por mosteiros – para uso particular, ou seja, para os membros desses ditos mosteiros –, esses livros são meras cópias de cópias, todos retratando o mesmo assunto. O *Beatus* encomendado por Sancha I teria o diferencial de acrescentar a história de vida e importância tanto de Fernando I quanto de sua rainha.

Em razão de demonstrar a riqueza do casal real, o códice deveria ser tão rico quanto, o que influenciou consideravelmente no caráter ornamental da obra, seja, por exemplo, na feitura minuciosa de elementos ou no abundante uso de ouro e cores nas miniaturas. Este *Beatus* soma um total de cento e quatorze miniaturas, muitas ocupando a página inteira, e outras, duas páginas. A maioria com o “fundo” dividido em bandas horizontais de cores intensas e de grande luminosidade. (FAVORETO, 2011, pp. 7)

O envolvimento da rainha na construção de uma narrativa histórica em que fosse deixado marcado a influência do rei e da rainha de Leão e Castela, além de uma relação mais amigável entre os súditos e seu rei, é significativa dado o protagonismo observado pela rainha leonesa, mulher admirável a partir das virtudes cristãs. Seu objetivo de legitimar Fernando I como o Grande, sendo um monarca a ser respeitado. Assim, o *Beatus* seria a testemunha não somente do poder do reino de Leão e Castela, mas a lealdade de Fernando I ao seu reino e, acima de tudo, a fé cristã.

Estando, então, o *Beatus* e as relíquias de Santo Isidoro guardadas dentro da Colegiada de Santo Isidoro, em Leão. O Panteão Real sendo recheado de tesouros afirmando a grandeza de Fernando I e do reino de Leão (e Castela naquele contexto), como o Cálice de Urraca, a arqueta de marfins comissionada por dona Sancha e Fernando I, seu crucifixo, a arca dos esmaltes, a Arca das Bem-aventuranças, e, claro, as relíquias de Santo Isidoro, além do túmulo de Fernando e Sancha.

Fernando I foi um grande comitente de objetos religiosos. Em sua carta-testamento de

1063 constam várias doações do monarca, principalmente à Colegiata de Santo Isidoro de Leão, esta que fora o monastério de São João Batista até a ocasião do traslado dos restos de Santo Isidoro desde Sevilha. Apesar de não ter existido um programa muito ambicioso na arquitetura, excetuando o referido monastério, Fernando I destacou-se em significativas doações de objetos luxuosos, que viriam a formar o Tesouro Real de Leão, composto, por exemplo, pelo Crucifixo de Fernando I e Sancha, a Arca das bem-aventuranças e a Arca das relíquias de Santo Isidoro. (FAVORETO, 2011, p. 2).

Assim, entende-se que a presença das relíquias de Santo Isidoro em Leão seria símbolo de proteção e prosperidade, sua presença sendo a intervenção divina através do santo. Havia evidentemente uma preocupação política quanto a superioridade do reino de Leão sobre outros reinos para nomear o responsável na missão da (Re)conquista e unificar o que hoje conhecemos como a Espanha. Inclusive, sua presença e, até mesmo, o fato dessas relíquias jamais terem sido roubadas ou quebradas oficializaria a defesa de que Leão seria, então, o sucessor legítimo do reino visigodo, recebendo a bênção do santo tão conhecido pelo seu envolvimento com a monarquia goda.



Figura 3: Real Colegiata de San Isidoro, em Leão, Espanha. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fwww.turismocastillayleon.com%2Fpt%2Fpatrimonio-e-cultura%2Figrejas-e-capelas%2Freal-colegiata-de-san-isidoro&ved=0CBUQjRxqFwoTCPDYz6uq_ZADFQAAAAAdAAAAABAi&opi=89978449

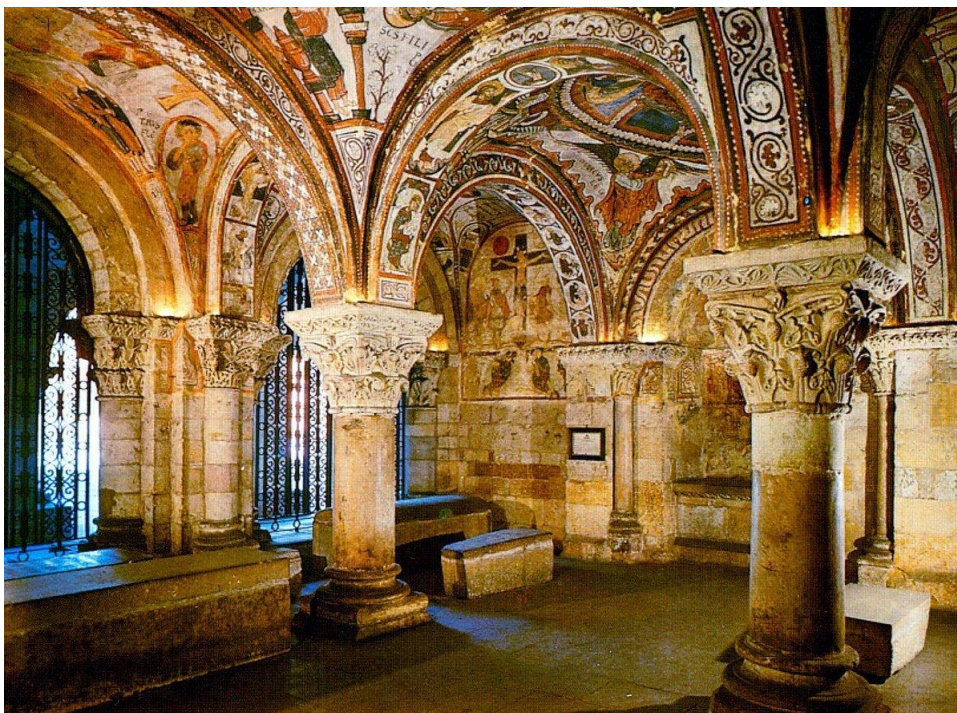


Figura 4: Panteão Real da Colegiada de Santo Isidoro, Leão, Espanha. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fwww.mundiplus.com%2Fpt-pt%2Fblog%2Figreja-colegiada-de-san-isidoro%2F&ved=0CBUQjRxqFwoTCNjJraWs_ZADFQAAAAAdAAAAABAH&opi=89978449

As imagens acima expõem a estrutura externa e interna da Real Colegiada em Leão. A Colegiada é um lugar de memória marcante para a identidade leonesa, nela estão sepultados 11 reis e 12 rainhas, além de demais nobres. As pinturas comissionadas nas paredes e teto, muito provavelmente por dona Urraca, representam eventos icônicos bíblicos, contando também com o calendário agrícola, extremamente bem reservadas ainda que com as reformas feitas ao longo dos anos na Colegiada. Sua estrutura e significância para a história espanhola a torna local com peregrinação constante, sendo inclusive local indicado aos peregrinos do Caminho de Santiago para ser visitado.

2.3.2. Mosteiro de Santa Clara-a-Nova



Figura 5: Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, Portugal. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fwww.noticiasdecoimbra.pt%2Fmosteiro-santa-clara-nova-vai-continuar-ao-deus-dara%2F&ved=0CBUQjRxqFwoTCMjAkLCp_ZADFQAAAAAdAAAAABA&opi=89978449

O mosteiro de Santa Clara-a-Nova, como mostrado acima, está localizado em Coimbra, em Portugal, localizada na encosta do monte da Esperança, próxima ao Rio Mondego. Essa localização não é a original, tendo ocorrido uma mudança de endereço do mosteiro dado a novas demandas que ocorreram durante os séculos.

Inicialmente, o mosteiro foi construído e entregue a Santa Clara¹⁸ em 1286, erguido juntamente ao convento franciscano. Entretanto, com a morte de D. Mor Dias, dama conimbricense fundadora do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o mosteiro é fechado em 1302. É com Isabel de Aragão que ocorre um grande investimento no local, doações significativas sendo feitas para a refundação do mosteiro – com a aprovação do Papa Clemente V (1264-1314)¹⁹ – e, posteriormente, da manutenção do local, não somente isso, a rainha de Portugal também compra terrenos ao redor dali, para expandir o espaço anterior. Ao ser refundado, entende-se então como o mosteiro para Santa Clara-a-Nova. É importante mencionar também que a necessidade de um novo mosteiro se dá por conta do local original do mosteiro, que por ser tão próximo ao rio havia muito desgaste da estrutura com a chuva, já que conseqüentemente havia inundações causadas pela combinação da água da chuva com a do rio.

¹⁸ Santa Clara de Assis (1193-1253), canonizada em 1265.

¹⁹ 195º Papa da Igreja Católica, eleito em 1305.

A Rainha envergou, como leiga, o hábito das Clarissas e viveu até à sua morte num paço que mandou edificar nas imediações do Mosteiro, cuja Igreja foi sagrada em 1330 (ELIAS, 2018). Com antecedência, Isabel já havia encomendado sua sepultura em grande detalhe e, por conseguinte, no mosteiro é onde se encontra o túmulo de dona Rainha Isabel de Aragão.

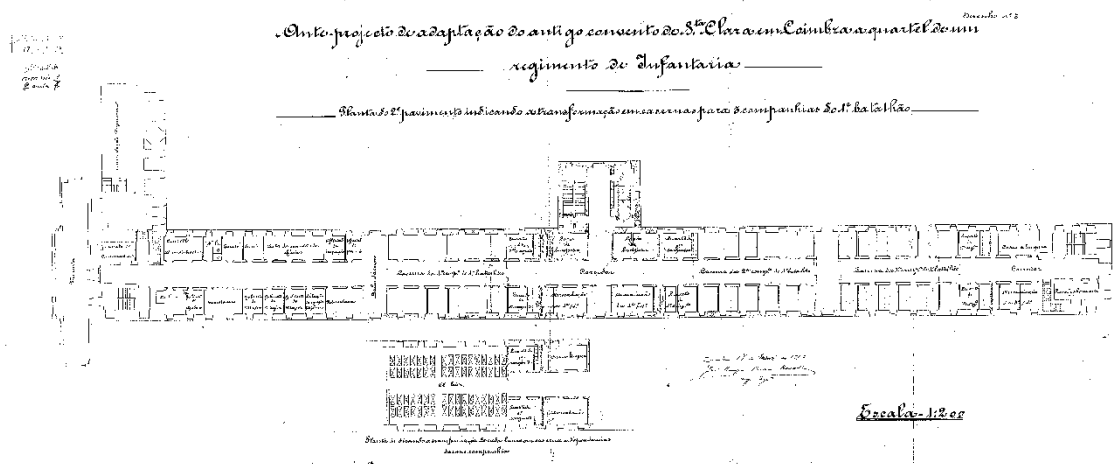


Figura 6: Projeto do Mosteiro. Lê-se “Ante-projecto de adaptação do antigo convento de Sta. Clara em Coimbra a quartel de um Regimento de Infantaria. Planta do 2.º Pavimento, Indicando as transformações em casernas para a companhia do 1.º batalhão”, 1917. Disponível em: ELIAS, Margarida. MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA-COIMBRA. 2018.

Com a degradação gradual através dos anos, foi criando a necessidade de certas manutenções. Após a restauração que ocorreu em 1602, as Clarissas decidem pedir a D. João IV (1604-1656) em 1647 permissão para que o mosteiro seja relocado em um local mais propício. Assim, com o pedido acatado, o projeto é entregue ao engenheiro e arquiteto Frei João Turriano.

É considerado um «exemplo notável da arquitectura religiosa da Restauração» (Kubler, 1988, 157) e «o mais ambicioso projecto arquitectónico» deste período da história portuguesa (Pimentel, 1999, 151) – pelo menos, até ao início das grandes obras patrocinadas por D. João V, como o Convento de Mafra, em 1717. (ELIAS, 2018, pp. 32).

O túmulo original da Rainha foi feito no mosteiro de Santa Clara-a-Velha, antes da mudança de localização e ser levado os tesouros e pertences para o novo mosteiro. Com a canonização de dona Isabel a pedido de D. Manuel I (1469-1521)²⁰, surge a Confraria da Rainha Santa Isabel de

²⁰ O Venturoso, rei de Portugal e Algarves a partir de 1495 até sua morte, no auge da expansão marítima portuguesa.

Aragão e, em 1614, por ordem do bispo D. Afonso de Castelo Branco (1522-1615)²¹ é feito novo túmulo, porém agora de prata no novo mosteiro a Santa Clara.



Figura 7: Estátua da Rainha Isabel de Aragão no mosteiro de Santa Clara-a-Nova. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fjosecoelhophoto.blogs.sapo.pt%2Fcoimbra-o-mosteiro-de-26667&ved=0CBUQjRxqFwoTCKCrgPudhZEDFQAAAAAdAAAAABAH&opi=89978449>

Atualmente, a estrutura do mosteiro consta com dois corpos, um para os dormitórios das Clarissas e outro para a Igreja, uma capela isolada, há o refeitório, as cozinhas, a oficina, claustro, dormitório, o quartel dos militares – que começaram a ocupar aquele espaço durante o século XX –, o terreno comum que serve de entrada, e a hospedaria. Além disso, a estátua de dona Isabel se encontra em um dos pátios do mosteiro, assim como apresentada na figura acima. Todo o edifício é reconhecido como Monumento Nacional. Reconhece-se que esse lugar de memória é um local fundamental para a identidade de Portugal, sua arquitetura é um projeto ambicioso e muito admirado pela comunidade. Age para além do cunho religioso, mas também atua como preservador da memória medieval coimbreense.

3. ESTUDO DE CASOS: DOIS SANTOS CÉLEBRES

²¹ Prelado português, bispo e escritor.

3.1 Santo Isidoro de Sevilha

3.1.1 Biografia



Figura 8: Santo Isidoro de Sevilha. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Fdiocesedeamparo.org.br%2Fsanto-isidoro-de-sevilha-04-de-abril%2F&ved=0CBUQjRxqFwoTCLihyJGw_ZADFQAAAAAdAAAAABAH&opi=89978449

Santo Isidoro, a vossa fé vos levava a esquecer o mundo para contemplar as belezas do Reino de Deus.

Santo Isidoro, fortalecei a minha fé, dai-me gosto pela oração, para a minha piedade atraia as bênçãos de Deus e dos anjos do céu sobre o trabalho de minhas mãos.

Amém.

Isidoro foi Bispo e Metropolitano da província eclesiástica da *Bética*, no reino de Sevilha. Apesar de existir uma vasta biografia sobre ele, existe, entretanto, um debate recorrente afim de definir seu ano e local de nascimento – ainda incertos –, porém é possível afirmar que ele seja hispalense e pertencente à Antiguidade Tardia, dado a sua data de morte, em 636 d. C.²² Através de fontes, é possível compreender, ao menos, sua situação familiar, em que se pode afirmar que Isidoro

²² REY, Emma Falque. De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro. *Anuario de Historia de la Iglesia andaluza*, n. 9, p. 11-31, 2016.

era o mais novo de quatro irmãos, Leandro, Fulgencio e Florentina, todos eles integrantes do clero, incluindo Isidoro, e posteriormente todos reconhecidos como santos pela Igreja Católica, sendo eles conhecidos como os Santos de Cartagena²³. Seu irmão mais velho, Leandro (534-601), também Bispo e figura de suma relevância para o reino de Sevilha, ficou encarregado da sua formação intelectual e moral, após a morte de seus pais.²⁴

Leandro de Sevilha foi importante bispo e metropolitano da Bética. Também responsável pela conversão de monarca visigodo Recaredo (559-601 d.C.) ao cristianismo. Sua produção intelectual não se manteve marcante através dos anos, sendo pouquíssimo lembrada. Dentre elas estaria obras redigindo dois documentos com ideias anti-arianas, o *De institutione uirginum et contentu mundi*, orações sobre o Saltério, peças para laudas e salmos e epístolas dirigidas a Gregório Magno, a Fulgêncio e a outros bispos (NASCIMENTO; SOUZA; BORGONGINO, 2020, pp. 90). Além disso, também escreveu o *Homilia in laudem Ecclesiae*, que foi lida durante o III Concílio de Toledo²⁵ – o qual Leandro presidiu, imensa honra que demonstra seu prestígio dentro da comunidade religiosa. Apesar de passar determinado tempo exilado em Constantinopla, Leandro era bem-visto pelos prelados, especialmente pela sua influência com a monarquia visigoda.

Isidoro vem a suceder o cargo de Leandro após seu falecimento. Isso é possível considerando que desde a morte de seus pais, Isidoro segue os passos de seus irmãos mais velhos, ou seja, desde sua infância é inserido em ambientes intelectuais e de cunho religioso. Seu desenvolvimento acadêmico não se limita apenas a Leandro e seus ensinamentos, Isidoro muito provavelmente frequentou a escola episcopal de Sevilha, onde aprendeu não somente sobre obras dos grandes autores do cristianismo tardo-antigo, mas também autores clássicos²⁶. É importante compreender a implicação desses conteúdos ensinados, considerando que no contexto do século VI ao VII, a queda do Sacro Império Romano Ocidental foi evento de extremo impacto para a Europa e regiões próximas, um marco de suma importância na História, e, adicionalmente, com o fato da ocupação muçulmana havia uma comoção para definir quem seria o próximo povo a carregar adiante o legado

²³ HERRERA, Isidoro Rodríguez. Cuatro santos de Cartagena: la Mariología de San Leandro. **Scripta Fulgentina: revista de teología y humanidades**, v. 6, n. 11, p. 77-86, 1996.

²⁴ FRIGHETTO, Renan. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa & SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org). *Dicionário: Cem Fragmentos Biográficos: A Idade Média em Trajetórias*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020.

²⁵ O III Concílio de Toledo ocorreu em 589 d. C. foi um marco para a conversão do reino visigodo a fé católica.

²⁶ Nela entrou em contato com as obras dos grandes expoentes do cristianismo tardo-antigo, como Agostinho de Hipona, Ambrósio de Milão, Jerônimo de Stridon, Paulo Orósio, Boécio, Cassiodoro e Gregório Magno. (NASCIMENTO; QUEIROZ; FRIGHETTO, 2020, pp. 112)

da Antiga Roma e ter influência e poder suficientes para sobrepor o islamismo – ou seja, ter acesso a obras clássicas significa reconectar com o passado glorioso que o Sacro Império Romano significou na região.

Isidoro para além de sua base intelectual, tinha forte relações com a fé cristã. Não são conhecidos muitos relatos que detalhem sua adolescência, entretanto, pelo caráter de sua criação, é afirmado como sua devoção não sofreu drásticos abalos ao decorrer de sua vida. O caminho linear que Isidoro percorreu teria o levado inevitavelmente a um posto que englobava não somente acesso à Igreja, mas também à monarquia. Ou seja, a junção de sua erudição com seus vínculos políticos através de Leandro culminou na trajetória eclesiástica de Isidoro de Sevilha.

Consequentemente, o hispalense teve papel de destaque no reino hispano-visigodo,²⁷ durante seus anos de pontificado (601-636), influenciando fortemente a política visigoda, sendo conselheiro e amigo de reis durante seu pontificado. Além disso, Isidoro tão claramente envolvido com política se propôs a produzir uma obra exaltando o reino Visigodo, sendo este considerado, pelo autor, a herança do Império Romano, tendo em vista que, contra o próprio poder do Sacro Império, o único reino a sair parcialmente vitorioso quanto a dominação romana, e inclusive saqueando a Roma, seria o visigodo. Para além disso, a resistência quanto a ocupação muçulmana também seria sinal de sua resiliência como povo. Consequentemente, em sua obra *História Goda* (624 d.C.), Isidoro daria ênfase a grandiosidade desse reino, os exaltando, além de pensar como seria um governo ideal e o que significaria a perfeição monástica.

É importante salientar que Isidoro de Sevilha além de ter uma atuação sociopolítica e cultural, também era autor, tendo um conjunto de escritos, chegando a ter 17 obras legadas pelo Bispo de Sevilha. O santo tem como um de seus trabalhos mais importantes as suas “Etimologias” ou *Eymologiarum siue Originum*, em seu título original, essa obra sendo tão marcante que os conceitos apresentados no livro sendo usado por outros diversos autores influentes através dos séculos.

Curiosamente, sua análise vai para além do significado conceitual e gramático como outras etimologias, mas trata-se de uma repartição em verdadeiros campos lexicais e semânticos. A partir disto, uma “leitura” semiológica traria à tona muitos elementos para a compreensão da cultura da

²⁷ MICHELETTE, Pâmela Torres. A concepção de realza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha. 2012.

época.²⁸ A própria característica “enciclopédica” que modernamente damos às *Etimologias* deixa transparecer uma tentativa de recolher em uma só obra toda uma gama de conhecimentos recebidos como herança da Antiguidade. (TOMAZ, 2011, p. 6). Isidoro era um perfeito reflexo dos ideais de um indivíduo cristão na Antiguidade Tardia. Isidoro, inclusive, sendo o mentor do último cânone aprovado pelos padres conciliares durante o IV Concílio de Toledo em 633.

Em contraste com seu irmão, nota-se a “fama” que Isidoro carrega, sendo um bispo não somente influente, mas bem-querido popular e academicamente, as obras isidorianas sendo sua marca e assegurador da sua reputação, dando-o reconhecimento através dos séculos. Ainda que não canonizado, Isidoro já vinha sendo tratado como santo e figura poderosa para a fé cristã ibérica. É importante compreender o impacto que as obras de Isidoro significam para a História e para a Igreja, já que o Santo de Sevilha é considerado doutor pela Igreja Católica, – isso sendo de extrema honra, tendo em visão o fato de que dentre 8 mil santos, somente 48 são doutores – além de ser padroeiro dos Historiadores. Seu entusiasmo apostólico e sua contribuição para a sociedade, tanto nos planos políticos quanto religiosos, juntamente com suas obras e reflexões, exerceram uma profunda influência em diversos campos do saber.

Há também narrativas fantásticas afirmando sua santidade, o poder de Deus que se manifestava através de sua fé, inclusive em vida. Um dos relatos é como Isidoro ao encontrar uma seca nas Gálias e Hispânia e interceder nessa crise, a seca termina e a saúde da natureza e das pessoas é restaurada. Outro é como em seu retorno a Hispalis, uma multidão o espera para o receber, porém no meio do tumulto uma mulher guerra morre sufocada. Ela é, porém, ressuscitada por intercessão de Isidoro. Sua atuação como arcebispo era notória e a junção de todas essas características²⁹ – sua formação, sua produção intelectual, suas virtudes cristãs, seu compromisso com a monarquia, seus milagres – culminam na imagem solidificada da santidade do Bispo de Sevilha.

Por fim, poucos anos depois do IV Concílio de Toledo, em 636 no dia 4 de abril, Isidoro vem a falecer. Entretanto, como se ciente da sua morte, uma semana antes do ocorrido, Isidoro decide doar maior parte de seus pertences e pregar um sermão em praça pública sobre o perdão como virtude. O culto a Isidoro de Sevilha, bispo que viveu entre os séculos VI e VII no reino visigodo, começou a se difundir no século VIII (DA SILVA, 2021, pp. 13), pouco tempo após sua morte. Inclusive, hagiografias e releituras de suas obras sendo produzidas muito próximas do ano

²⁸ BLIKSTEIN, Izidoro. As etimologias de Isidoro de Sevilha. *Língua e literatura*, n. 7, p. 111-120, 1978.

²⁹ *Vitae sanctorum nimia prolixitate descriptae*, de Rodrigo de Cerrato, século XIII.

de seu falecimento.

É fato que a canonização de S. Isidoro de Sevilha não foi imediata após sua morte, tendo recebido seu título somente na modernidade – considerando que na Idade Média há uma escassa presença de imagens em seu culto.³⁰ O processo para ser canonizado por si só é um processo complexo e requer ordem. Isso pode ser uma das justificativas para a demora da canonização de Isidoro de Sevilha, ainda que ele tenha sido um influente e respeitável Bispo em sua época. Ainda que, obviamente, tendo em análise as características de devoção em Isidoro, seria inevitável o seu reconhecimento como santo.

Inclusive, exatamente por sua influência e difusão de pensamentos e obras – inclusive postumamente –, ao longo dos séculos, o próprio Vaticano o reconhece em 1997, o colocando como patrono da *internet*, sendo Isidoro de Sevilha conhecido como o doutor da Igreja assim em diante.

3.1.2 Milagros de San Isidoro

Para além da biografia de Santo Isidoro, anteriormente mencionada, analisaremos sua hagiografia mais conhecida, sendo essa o *libro de los Milagros de San Isidoro*, escrita pelo Bispo Lucas de Tuy.

Começamos com o autor. Lucas de Túy (1249) foi um clérigo e intelectual leonês, do século XIII., cônego de S. Isidoro em Leão e, a partir de 1239, bispo tudense, aprendiz da Rainha Berenguela, e uma figura de importância na corte do Rei Fernando III, filho de Berenguela.³¹

Lucas de Tuy elabora a obra, *Milagros de San Isidoro* (1242), ou *Miraculis Sancti Isidori*, em seu título original, quando ainda se encontrava na Colegiada leonesa, entre os anos 1221/4 e 1239/42. A obra menciona a trasladação das relíquias do prelado, sem descrevê-la em detalhes, mas narra milagres ocorridos nas décadas seguintes ao evento (DA SILVA, 2021, pp. 7). Estes Livros de Milagres se constituem em fontes fundamentais para o estudo das sensibilidades e devoções dos homens na Antiguidade Tardia e Idade Média, Lucas de Tuy sendo responsável pela última composição medieval feita em Leão em homenagem a S. Isidoro. A influência isidoriana após sua

³⁰ SANZ, María Jesús. El culto a San Isidoro: reliquias e imágenes. Iconografía sevillana. **Estudios humanísticos. Geografía, historia y arte**, n. 21, p. 187-218, 1999.

³¹ DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Isidoro de Sevilha nos legendários abreviados mendicantes hispanos do século XIII: uma abordagem historiográfica em perspectiva comparada. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, n. 28, p. 4, 2021.

morte em 636 d.C. teria origem para além de suas obras, mas por seu envolvimento com a bética e devoção já admirada em vida, sua participação política e, posteriormente, por suas relíquias

Promovendo o culto a São Isidoro, o Livro de Milagres enobrecia também a colegiada a qual pertenciam as relíquias do santo, transladadas de Sevilha para León em 1063. A leitura e audição dos prodígios realizados constituíam testemunho de edificação clerical, de propaganda e glorificação. Os motivos de invocação do santo eram vários, mas destaca-se a necessidade de proteção e cura contra diversas doenças. A divulgação dos favores recebidos era também uma forma de agradecimento, tão próprio da religiosidade popular.

O poder das relíquias não se resumia a uma expectativa de futuro, pois durante toda a Idade Média estiveram cercadas de acontecimentos maravilhosos: tinham poderes de proteção e cura, que justificavam romarias e peregrinações, emitiam perfumes, luzes e óleos milagrosos, ressuscitavam mortos, protegiam cidades inteiras. (CYMBALISTA, 2006, p. 14).

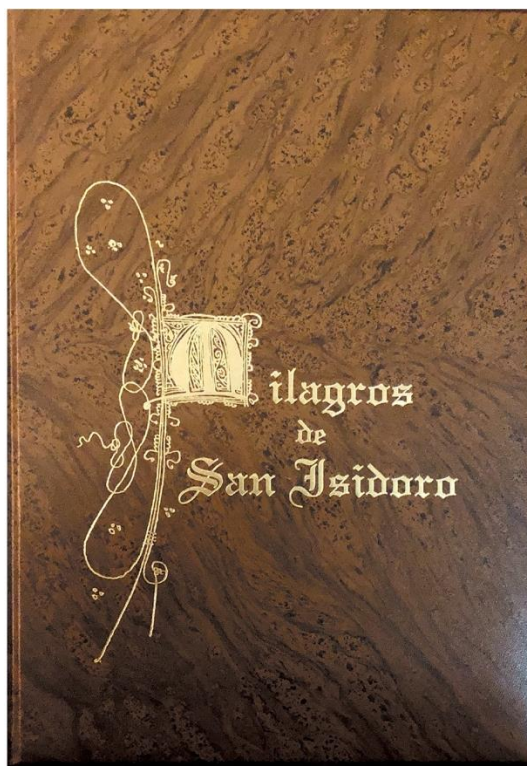


Figura 9: *Vida y Milagros de San Isidoro* (1992), capa. Foto pela Autora.

É indispensável destacar que dentro do contexto medieval, a legitimidade política era indissociável da religiosa, portanto, não era possível haver um reinado separado da Igreja. A partir disso, a obra *Miraculis Sancti Isidori* surge com Lucas de Tuy com intuito de afirmar a superioridade

cristã dentro do Reino de Leão, dado que, naquele período, a região hispânica era fortemente dominada por povos de origem muçulmana. Dessa forma, existe interesse por parte de Lucas de Tuy em relatar esses milagres a partir de uma ótica política, apesar de que seu verdadeiro intuito com suas obras, tanto *Chronicon mundi* como *Miraculis Sancti Isidori*, é o de caráter histórico, a partir do uso da escrita em formato de crônica.

Porém, não somente Lucas de Tuy escreveu o *Miraculis Sancti Isidori*, mas também *Chronicon mundi*, sua obra mais famosa, que conta a trasladação das relíquias de Santo Isidoro desde Sevilha até Leão. Seu vínculo com a figura do prelado é nítido, já que foi cônego de Isidoro de Sevilha e residia então em Leão quando escreveu a obra. Em seu texto, *Miraculis Sancti Isidori*, Lucas descreve desde o interesse do rei Fernando I de Leão quanto a coleção de relíquias, o envio dos bispos para a busca das relíquias da Santa Justa – que era o principal objetivo da viagem –, até a chegada das relíquias em Leão.³²

É por meio de iniciativas de Fernando I que as relíquias do santo chegam a Leão e foi instituída a festa de celebração do traslado. Em uma aparição, o santo hispalense declara a Afonso VII que ele era, por designo divino, protetor de sua linhagem e seu apoiador na batalha vitoriosa contra os muçulmanos em Baeza. Esse monarca, por sua vez, em agradecimento, concedeu privilégios à Colegiada de S. Isidoro, e foi novamente recompensado, pois “todos os reis e príncipes das Hispânicas submeteram-se ao seu comando”. Por fim, informa que Isidoro, com Santiago, apoiaram o rei Fernando III em batalha contra os muçulmanos. (DA SILVA, 2021, pp. 9).

Aprofundando a análise da fonte primária, cabe apresentar o conteúdo que constitui a obra, ressaltando que esta não se resume apenas a relatos ou testemunhos de milagres,³³ mas também engloba em sua composição a revelação do local onde estariam os restos de Isidoro, o traslado das relíquias, os primeiros milagres operados em ambos Sevilha e Leão, a encomenda feita por Fernando I em seu pedido para que transportassem as relíquias sagradas, e, posteriormente, a morte desse rei. Além disso, Lucas exaltava a figura de Isidoro, descrevendo sua vida desde a infância até a morte, destacando-o como um exemplo não só de homem, mas também de devoto. Isidoro é visto como um homem que prioriza atos caridosos, sábio, opositor à heresia, hospitaleiro, prudente, sóbrio, honesto etc. O religioso sublinha a importância de clamar ao bispo, que devido à sua vida agradável a Deus, tinha méritos para atuar como intercessor. (DA SILVA, 2021, pp. 3).

³² REY, Emma Falque. De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro. *Anuario de Historia de la Iglesia andaluza*, n. 9, p. 11-31, 2016.

³³ TUY, Lucas de. Milagros de San Isidoro. León: Universidad de León/ Cátedra de San Isidoro, 1992.



Figura 10: Página ilustrativa de Vida y Milagros de San Isidoro (1992).

Ademais, surgem pontos principais para a defesa da superioridade cristã sobre os muçulmanos, e a superioridade de Leão a outros reinos hispânicos, já que, em sua obra, Lucas expõe milagres que favoreciam reinos cristãos. Havia por conseguintes castigos dados a outros reinos, especificamente contra aqueles que haviam tentado furtar da igreja ou simplesmente seguidores do islamismo. O favorecimento do povo cristão e da nobreza, e a existência de castigos a todos os inimigos do monastério, afirmavam ainda mais este posicionamento de Lucas de Tuy voltado à exaltação da cristandade em detrimento das culturas muçulmanas.

Naquele contexto, o reino de Sevilha estaria dominado por muçulmanos, ou seja, com a “retirada” de uma relíquia católica de um território muçulmano para um reino cristão estaria sendo feito uma afirmação da superioridade da fé cristã, a quem por direito deveria ter acesso e posse não

somente aos objetos sagrados, mas também a seus milagres. Assim, santo Isidoro de Sevilha seria uma figura utilizada com intuito de representar a assistência que Deus dá ao reino de Leão, com o objetivo da Reconquista. Ou seja, Lucas de Tuy intencionalmente na sua escrita deixava claro acreditar que Leão seria o sucessor do reino Visigodo.³⁴

3.1. Santa Isabel de Portugal

3.1.1. Biografia

Isabel de Aragão nasceu no ano de 1271, filha de rei Pedro III e de dona Constança de Sicília II, neta do Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico II. Casou-se com D. Dinis aos dez anos de idade, criando com seu matrimônio uma aliança entre os reinos de Portugal, Aragão e, posteriormente com o casamento de seus herdeiros, Constança de Portugal e Afonso IV, o reino de Castela. É notável as narrativas em torno de sua vida, dado que até mesmo diante de seu nascimento haja um imaginário a partir dos detalhes do ocorrido. Detalhes esses que descrevem como Isabel nasce totalmente encoberta por sua placenta, o que refletiria a sua santidade e castidade, usada em sua hagiografia, que a rainha estaria mostrando sua candura ao não nascer nua ou até protegida do mundo, sua placenta sendo até mesmo uma armadura protetiva. A partir disso, aumenta o número de histórias ressaltando sua modéstia através dos anos. Por conta de sua forte conexão com o espiritual – dado seu compromisso já em vida a seguir à risca a conduta de uma boa mulher cristã –, torna-se complexo delimitar onde começa e onde termina sua biografia e sua hagiografia, sua existência como rainha e sua existência como santa coexistindo.

Sua infância foi marcada com a presença não somente de fé, mas de forte devoção ao catolicismo. Desde nova, Isabel era vista praticando jejuns e obras de caridade. Em diversos escritos, como de Vitorino Nemésio (2011) e Cândido Franco (2010), é destacado como sua humildade era uma característica inusitada dada sua classe social. Além disso, é mencionado inclusive como seu comportamento bondoso e caridoso era acompanhado por uma solidão inata da infanta, até mesmo sua solidão sendo um marco de entrega, sua vida sendo recheada de momentos

³⁴ MARTÍN, 2005.

feitos para a moldar seu compromisso com a vida cristã.

Seu casamento foi testemunho de sua completude como mulher, revelando seu compromisso com seus deveres como esposa, de prover filhos e ser fiel a seu marido. Apesar do matrimônio significar a perda de sua virgindade para seu marido, esse ato se mostrou um grande enaltecimento de sua devoção, tendo em vista as afirmações de que dona Isabel se propôs apenas a se deitar com o rei afim de lhe conceder um herdeiro, posteriormente então se recusando a ter outras relações para preservar sua virtude. Seu compromisso com a coroa não sendo menor que seu compromisso com a cruz.

Dada sua decisão em somente se deitar com seu marido afim de gerar filhos, as traições de D. Dinis se fazem presentes durante todo seu casamento. Entretanto, ainda que de conhecimento geral essas traições, tamanha era a admiração da postura da rainha diante às atitudes do rei, como uma mulher crente e como esposa, já que além de se manter fiel ao seu esposo e constantemente o perdoar por seus erros, dona Isabel também se dispunha a acolher os bastardos do rei, para serem criados e cuidados. O autor Juan de Torres, em sua obra *Vida e Milagros de Santa Isabel Reyna de Portugal, Infanta de Aragón, de la Tercera Ordem de Nuestro Padre S. Francisco*, descreve uma tristeza em dona Isabel diante essas traições que só poderia ser explicada como uma tristeza por seu marido ter infringido as leis de Deus e estar vivendo em pecado. É interessante observar como até seu casamento não é pessoal, não aparece em nenhuma narrativa seu ego ou seu orgulho, a sua imagem sendo facilmente associada como símbolo de magnanimidade, doçura e paciência (*Vidas e Milagres*, 1921, pp. 10), a rainha sempre estando disposta a cumprir seu papel de gênero como mulher e esposa, e, mais ainda, como devota.

Enquanto seu papel como rainha, segundo as narrativas, Isabel o performava de modo honroso, dedicando seu tempo para cuidar dos menos afortunados no reino e investindo tempo e tesouro para a manutenção e demais cuidados dos templos da cidade. Sua participação em atos caridosos tinha em especial atenção a mulheres, sua preocupação em inserir mais mulheres dentro da fé cristã, a partir dessas doações. O curioso seria além de doações de dinheiro ou comida, mas também de roupas e até ajuda para casar as moças necessitadas. O papel de esposa sendo muito valorizado por dona Isabel, seu compromisso com o matrimônio, não somente o seu como o de outras mulheres, apontando-a como não somente esposa do rei, mas como esposa de Cristo.

E esta rainha, depois que foi casada, começou seus feitos em serviço de Deus (e) em partir com [os] pobres do que avia e em jejuar e aver coita e piedade dos errados e apressados e a ler e aver breviário por que rezasse as oras canonicas e, as oras rezadas, entendia em satar aljoufar e fazer mandar fazer seus labores a sas donas e donzelas e manda sa casa,

que seeria muito de ser de 25 annos ou de triinta. E assi começou despender seu tempo das rendas das sas terras que avia, e daquelo que elrey a ela dava aviam gram parte pobres e mengoados e mosteiros e emparedadas e donas envergonçadas e mengoadas. (*Vidas e Milagres*, 1921, pp. 26).

Além disso, dona Isabel era caracterizada como uma figura pacificadora, estando em um papel de apaziguadora de grandes conflitos políticos. Dentre eles estando seu próprio casamento, em que D. Pedro III viria grande vantagem ao arranjar o matrimônio entre Isabel e D. Dinis aliando assim o reino de Aragão a Castela, fortalecendo o reino aragonês. Sua inteira existência seria definida pela política.

Sua busca pela paz é um marco em seu personagem, dona Isabel desde seu nascimento intervindo em conflitos familiares e continuando com esse comportamento até seus dias finais. Precedendo o contexto do nascimento de Isabel, já existia desavenças políticas e pessoais entre seu pai e avô, entretanto, ao nascer, ela receberia o posto de neta favorita de seu avô, D. Jaime, pai de Pedro III, e através dessa relação seria possível a infanta Isabel apaziguar os conflitos existentes entre o pai e avô:

[...] E em tempo que ela naceo avia grande descordia antre elrey D. James e o ifante D. Pedro, seu filho, padre desta Dona Isabel, em tanto que elrey nom queria veer seu filho D. Pedro, nem algũu de seus filhos, pero que, em vivendo elrey D. James, eram já todos os que ele ouve nados, e escolheo esta Dona Isabel, e criava-a e amava-a muito, dizendo por vezes dela, que sa criada e neta avia de seer a melher molher que saíra da casa de Arago; e foy em aquel tempo avião o ifante D. Pedro com elrey D. James, seu padre (*Vidas e Milagres*, 1921, pp. 19-20).

Mais adiante, viria novamente a interromper outros conflitos entre pai e filho, dessa vez se tratando de seu esposo e do filho do casal, D. Afonso IV, a disputa entre os dois sendo tomada e retomada através dos anos até a morte de D. Dinis. O conflito político entre D. Dinis e D. Afonso IV se deu entre 1312 a 1324, envolvendo armas e genuínas guerras, todos esses eventos trouxeram imensa angústia para a vida da rainha. Apesar de diversas tentativas de manter a paz, sendo através de cartas ou pedidos de clemência, chegando ao ponto de dona Isabel fazer viagens longas para tentar impedir o combate entre os exércitos do rei e de seu herdeiro, os esforços da rainha nem sempre conseguiam impedir o pior de acontecer.

Além disso, D. Dinis a conselho da corte, exila-a para a vila de Alenquer, já que os pedidos de Isabel eram vistos aos olhos do rei como traição, já que em sua perspectiva a rainha estaria escolhendo seu filho ao invés de seu marido. Dona Isabel somente sairia de seu isolamento em 1322 para apaziguar a discórdia entre D. Dinis e D. Afonso IV quando estavam prestes a começar

uma guerra em Coimbra. E, ainda que capaz de deter o conflito no primeiro instante, em 1323, em Lisboa, a guerra se estabelece.

Isabel intervém mais uma vez, advogando por outro acordo em 1324, afim de reconciliar o marido e filho. Com o acordo feito e aceito, esse acordo de paz se manteve permanente, especialmente já que em 1325 D. Dinis veio a falecer.

Após a morte de seu esposo, dona Isabel decide então se recolher para uma vida reclusa, já pressentindo seus dias finais, seu local de escolha sendo o monastério de Santa Clara para viver sua viuvez, se dedicando em totalidade a Cristo, sendo ela nesse contexto definida por duas palavras; viúva e clarissa. Assim, antes de morrer Isabel “trocou a coroa de rainha” pelo “véu de santa Clara” (GIMENEZ, 2013, pp. 201).

Embora a Igreja aconselhasse às viúvas, principalmente as da aristocracia que já tinham filho varão, a se recolherem em algum mosteiro, D. Isabel se revestiu das vestes religiosas só como sinal de viuvez e humildade. Escolheu o hábito de Santa Clara pela devoção que ela própria e sua família nutria por S. Francisco e Santa Clara. Viveria castamente, mas não se comprometia com nenhuma ordem religiosa, viveria como leiga e manteria seus bens e sua casa com suas donas e donzelas. (DUARTE, 2006, pp. 139).

Sua morte ocorreu em 4 de julho de 1336, na Vila de Estremoz, entretanto, antes de morrer, dona Isabel havia deixado instruções de que deveria ser sepultada em Coimbra, na Igreja do mosteiro de Santa Clara, santa de quem foi devota maior parte de sua vida, em um túmulo edificado a partir de suas ordens. Isabel é uma mulher extremamente intencional com a sua fé, todas as suas decisões sempre sendo voltadas para o lado religioso em sua vida. É possível até afirmar uma qualidade peregrina em sua decisão, a trasladação de seu corpo sendo um compromisso que a rainha teria feito ainda em vida.

Até sua sepultura conta uma história coligada com o transcendental. Com a imagem da Rainha Isabel jacente deitada sobre a tampa de seu túmulo, olhando para cima de forma intencional, vê-se-a vestida com um véu e sua coroa, suas vestes ao invés das vestimentas e túnicas comuns entre as damas trecentistas portuguesas, dona Isabel usa um hábito de clarissa. Há porém o diferencial das Clarissas (devotas de Santa Clara) que aparecem descalças em seus túmulos, já que Isabel estaria usando sapatos. Ao longo de toda a tampa de seu túmulo estariam diversos escudos, sendo eles símbolos de Portugal e Aragão. As armas de Aragão aparecem também ali em seu túmulo, seu número superior aos do brasão de Portugal, ou seja, sua ancestralidade estando bem representada ali, demonstrando que a rainha não esquece nem abdica da sua relação com o mundo dos homens (RAMÔA, 2010, pp. 72).

Além disso, aos quatro lados do sarcófago, aparecem ilustrações distintas, cada uma com significado:

São essas representações: o Apostolado, com Cristo ocupando a posição central, no facial maior da esquerda; o leão tetramorfo, Santa Clara, Santa Catarina, Santa Isabel da Hungria e o boi representativo de São Lucas, no facial dos pés; um frade franciscano (que Francisco Pato de Macedo identificou como sendo São Francisco), um bispo (que o referido autor considerou tratar-se de São Luís de Tolosa) e onze freiras clarissas, a primeira das quais representando porventura a própria Santa Clara (que assim figura, no túmulo, em duplicado), no facial da direita; o anjo de São Mateus, Cristo entronizado, o Calvário, a Virgem com o Menino e a águia do Tetramorfo, no facial da cabeceira (RAMÔA, 2010, pp. 71).

As figuras abaixo apresentam essas representações:



Figura 11: Túmulo com jacente de Dona Isabel de Aragão, a Rainha Santa – Vista geral. Foto: José Custódio Vieira da Silva. Copyright: Projecto *Imago*³⁵



Figura 12: Túmulo com jacente de Dona Isabel de Aragão, a Rainha Santa – Reverso do baldaquino. Foto: José Custódio Vieira da Silva. Copyright: Projecto *Imago*

³⁵ Imagens disponíveis na obra RAMÔA, Joana. **Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade**, *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010

Sua sepultura é, portanto, também testemunho de como levou sua vida, os detalhes esculpindo ilustrando sua identidade e o que lhe era precioso. Isabel teve uma vida inteira dedicada a ser uma mulher temente a Deus e às suas leis.

3.1.2. Vida e Milagres Dona Isabel, Rainha de Portugal

Ainda que suas virtudes fossem suficientes para a admiração popular e histórica, somente através de ações milagrosas seria possível alcançar seu título de Santa. Seu trajeto para elevar seu *status* para além de rainha, mas para santa foi marcado por um processo recheado de intencionalidade política, acompanhando a devoção popular.

Sua beatificação viria a ser iniciada através do interesse do rei Dom Manuel I, também conhecido como o Rei *Venturoso*, durante o século XVI, quando Dom Manuel I pede ao Papa Leão X a beatificação da Rainha Santa em 1516. Entretanto, seu pedido ao ser realizado viria com a condição de ser uma beatificação local, apenas para o território de Coimbra, onde ela estaria enterrada. Assim, fica autorizado, por consequência, o culto solene na diocese coimbrã, a celebração do ofício litúrgico e a colocação sobre o altar de imagens representativas da beata (RAMÔA, 2010, pp. 69). Entretanto, com a popularização de suas festividades, aparece então a oportunidade e concretização do processo de sua beatificação para todo o território do reino em 1556.

A partir desse momento, a devoção à rainha Isabel de Aragão nunca diminuiu, mas foi colecionando mais e mais devotos a celebrando, sua devoção aumentando inclusive geograficamente. Assim, deu-se continuidade ao projeto começado por Dom Manuel I, sua tarefa sendo passada para Dom Sebastião, em 1576, sendo então solicitado ao bispo Dom Manuel de Menezes para reunir documentos suficientes para oficializar a canonização da santa. Esses documentos seriam enviados para Roma em 1578, confirmando seus milagres e virtudes. Entretanto, somente em 1612 seria aprovado o início do processo de canonização, através do apoio de Filipe II de Portugal. A cerimônia oficializando a canonização de Isabel de Aragão, então, viria a ocorrer em 1625, no dia 25 de maio. Sua canonização também marca o momento em que Dona Isabel é escolhida como padroeira de Portugal, sendo ela também reconhecida como a Rainha Santa da concórdia e da paz – título mais que apropriado.

É necessário ressaltar mais uma vez como o envolvimento de diversos monarcas nesse

processo teria como justificativa o interesse político de fortalecer a realeza portuguesa através da narrativa santa de uma rainha também portuguesa, ou seja, a coroa através dessa santificação tendo muito a ganhar para além de peregrinações e a disseminação da fé para os leigos, mas também a comprovação da superioridade portuguesa diante a outros reinos. Santificar reis é uma prática comum na Idade Média, todo rei/rainha tendo vontade de se tornar santo(a). Portanto, não surpreende toda a movimentação para que fosse oficializada a santidade de dona Isabel.

Enfim, falemos sobre a escrita oficial sobre sua santidade. A primeira Hagiografia feita sobre a Isabel de Aragão tem como título *A Lenda da Rainha Santa Isabel*. A palavra “lenda” é uma deterioração do latim *Legenda*, que tem como significado “aquilo que deve ser lido”, ou seja, a intenção de uma hagiografia seria justamente anotar em um local os milagres, feitos e vida de um santo afim que essa palavra seja espalhada e reconhecida para além do espaço geográfico, mas também temporal, o registro eternizando o santo de uma forma até mesmo intelectual. Afinal de contas, a fonte é o diamante do historiador, aquilo que está registrado sendo possível de estudo e análise. Assim, sua hagiografia e fonte primária usada para esse trabalho tem como título *Vida e Milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal*, escrita por um sócio correspondente Jose Joaquim Nunes – porém essa obra é restituída do seu texto do século XIV, a produção original tendo sido feita perto da data de morte da Rainha. São usadas outras fontes, porém a focal será a obra restituída por Nunes.

Em *Vidas e Milagres*, discorre-se sobre a vida de dona Isabel em detalhes, dando a entender que quem quer que tenha escrito a obra original tinha acesso a vida particular da rainha seja por convivência ou por acesso a documentos que o comprovassem suas palavras. Ao decorrer do livro, afirma-se sobre como eram suas relações familiares, seus hábitos (como jejuns e orações) e suas virtudes. Para além disso, registra-se seus dias finais, sua morte e a transferência de seu corpo para Coimbra, dando espaço ainda para descrever os milagres e bençãos concedidos através do corpo da santa. Assim, abaixo apresento as páginas iniciais do livro de milagres de dona Isabel:

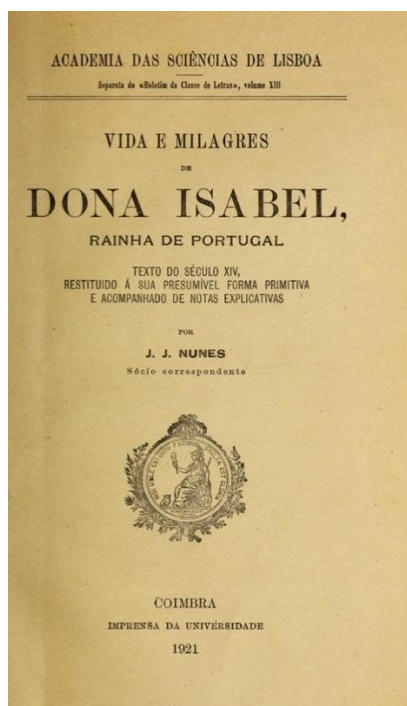


Figura 13: Página da obra *Vidas e Milagres de Dona Isabel*.



Figura 14: Rainha Isabel, disponível na página 3 da obra *Vidas e Milagres de Dona Isabel*.³⁶

³⁶ Lê-se: *Fotografia, tirada pelo Ex.^{mo} Sr. Engenheiro A. Ferrugento Gonçalves, do quadro a óleo existente na Academia, o qual representa a Rainha em traje de freira. De uma determinação da Assembleia de 7 de Janeiro de 1785 se depreende que a Santa fôra escolhida pela Academia para sua Padroeira desde que começara a funcionar como entidade independente (24-12-1779).*

Seriam cerca de 21 milagres compilados, em que sobressaem curas a aleijados, cegos e libertação de possessos (FERNANDES; SCHMITT; NASCIMENTO, 2021, pp. 136). Entretanto, não somente estes marcam a santidade de Isabel, já que um de seus milagres mais conhecidos em seu folclore é o *Milagre das Rosas*, que discutiremos mais a fundo adiante. Contudo, o extraordinário dessa história é o detalhe de ser um milagre operado pela rainha enquanto em vida.

Na obra *Os Reis Taumaturgos: Estudo sobre o caráter sobrenatural do poder régio na França e na Inglaterra* de Marc Bloch (2020), que discorre sobre os milagres operados pela realeza francesa e inglesa no fim da Idade Média e início da Idade Moderna diante das escrófulas, chama-me a atenção sobre o contato direto entre os enfermos e as mãos dos reis taumaturgos, isso se dando por conta da benção capaz de ser passada através da mão usando os anéis feitos a partir de moedas doadas à Igreja e consagrados na Sexta-Feira Santa. Esse fato, por exemplo, há, porém, um contraste com a história de vida de dona Isabel e é exatamente esse contraste que chama atenção para seus devotos, que é o cuidado direto da Rainha Santa com pessoas doentes, como parte de seu trabalho caridoso, isso sem a presença de um objeto capaz de trazer a cura imediata ou milagrosa, apenas através de doações e da fé da rainha.

Entretanto, vale ressaltar que não é raro a narrativa *quase* sacerdotal dos monarcas não sendo nada nova. Como já mencionado anteriormente e vale lembrar, todo rei quer ser santo. É possível que tenha existido uma inocência durante a vida da Rainha Isabel que priorizasse a caridade e genuinidade, entretanto dado sua classe social seria improvável a falta de uma consciência quanto a uma construção de narrativa afim de fortalecer a tentativa de uma santificação.

É se discutido como o propósito caridoso da Rainha Santa estaria ligado não somente a sua natureza bondosa, mas também ao fato de que a pobreza e a miséria predispunham aos vícios e pecados (bruxaria, credulidade, tagarelice etc.), especialmente à luxúria (DUARTE, 2006, pp. 136), ou seja, há intencionalidade em suas ações para além da empatia, sua bússola moral pertencendo a Igreja e suas leis. Todavia, isso comprova apenas a pretensão religiosa de Isabel, seu papel na política ainda assim não lhe sendo de grande importância diante dos seus interesses.

Vale, ainda, ressaltar que Isabel parecia extremamente simpatizante da ordem franciscana – isso por sua ligação e aprecio pela Ordem de Santa Clara –, aproximando a realeza da melhor maneira possível aos medicantes através de seus hábitos. Dona Isabel era tão comprometida em suas obras caridosas que não enxergava ou via necessidade de limites quanto ao número e valor de

suas doações, tendo em sua perspectiva um desprendimento notável de sua riqueza e *status*, o Tesouro Real sendo um meio para ajudar sua causa. Exemplo disso podendo ser observado através dos relatos sobre seu mais famoso milagre: o Milagre das Rosas.

O Milagre das Rosas é um marco para o culto da Santa Rainha de Portugal, já que narra um milagre operado em vida pela rainha. Nos relatos, dona Isabel estaria indo de encontro a súditos necessitados, como de seu costume, levando pães em seu manto. D. Dinis, influenciado pela corte a partir de especulações sobre altas despesas em cima do Tesouro Real, intercede em sua trajetória, insatisfeito com a obsessão de Isabel com esses constantes atos caridosos e a pergunta o que ela leva consigo. A rainha, então, ao tentar evitar a fúria e desaprovação do marido, mente, dizendo estar levando rosas. Quando D. Dinis pede para ver o que ela esconde, milagrosamente ela o mostra estar segurando rosas, para o espanto de todos que estariam testemunhando ao redor. Esse milagre seria além de um testemunho do transcendental, mas também da generosidade da Rainha Santa de acordo com os relatos.



Figura 15: Pintura retratando o Milagre das Rosas, em que dona Isabel segura rosas que anteriormente seriam pães, enquanto D. Dinis pede para olhar o que há em suas mãos, para comprovar se a rainha estaria falando a verdade sobre o que estaria levando. Ao redor estão os necessitados que dona Isabel estaria indo de encontro afim de os ajudar. Disponível em: <https://bibliotecacatolica.com.br/wp-content/uploads/2023/11/santa-isabel-da-hungria-rosas.jpg>

Eram comuns relatos de que D. Dinis intervinha no comportamento exacerbado de piedade de sua rainha, a ponto de limitar os jejuns feitos por Isabel, que eram tão frequentemente praticados. Essa penitência corporal era assumida, principalmente pelas mulheres, como um ato afetivo de imitação de Cristo em seus sofrimentos pela redenção da humanidade (DUARTE, 2006, pp. 135). Essa interferência do rei poderia vir de um lugar de preocupação com a saúde da rainha, mas mais provavelmente teria como origem uma desconexão entre os dois, as escolhas tão parecidas com as dos medicantes de Isabel não sendo facilmente compreendidas por outros indivíduos de menos fé que a dela.

Durante toda sua trajetória, Isabel foi marcada por essa separação e isolamento dos demais, seu credo tão forte e tão proeminente a diferenciava da sua realidade, ainda que inserida num contexto tão marcado pela presença da religiosidade – talvez até por conta desse contexto que deixava tão mais destacada esse senso de deslocação da rainha dos demais. Não somente sua solidão na infância como mencionado anteriormente, ou sua falta de interesse nos assuntos da corte, mas também seu papel de destaque de sua própria família. Sua biografia nos conta como ela nasceu para ser santa, porém, ao invés disso, nasceu rainha. Talvez ser da realeza fosse a maior fonte do sofrimento e provação de dona Isabel.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um estudo comparado, cabe então citarmos as diferenças e semelhanças entre os dois casos escolhidos.

Destaca-se principalmente em suas diferenças seria que enquanto nas narrativas sobre dona Isabel há a presença de uma pureza e inocência quanto às suas intenções e trabalhos caridosos em nome da fé Cristã, para Isidoro sua inteligência torna sua fé mais racional – porém, claro, não menos importante para sua vida particular. A vida de Isidoro foi voltada intencionalmente para Igreja e o papel que ele poderia exercer como bom católico, enquanto a devoção de dona Isabel, apesar de se prestar à religião dominante daquele contexto histórico, ainda assim facilmente poderia se denominar como uma escolha a parte, sua fé sendo excedente ao comum, a rainha inclusive se sentindo isolada de seus companheiros por conta de suas escolhas. Curiosamente, enquanto Isabel nasceu para uma vida política, Isidoro nasceu numa família voltada para a vida episcopal. Contudo,

ambos mesclaram à sua maneira sua fé com sua vida política.

Contudo, não é possível separar os motivos religiosos de uma agenda política conivente ao contexto. A canonização do santo muito condiz com o que é relevante naquele recorte temporal e local. Santo Isidoro provavelmente passaria pela sua canonização para tornar de maior valor simbólico suas relíquias. Obviamente, esse processo é um sinal de respeito e momento com específicos requerimentos, porém isso não significa que não tenha certos santos priorizados em questão de rapidez em sua oficialização como santo. Dona Isabel sendo um exemplo de uma sugestiva rapidez em seu processo de beatificação e, posteriormente, de canonização.

Isidoro tinha maior foco para a aristocracia, enquanto Isabel tinha cerca de nenhum interesse específico para essa classe, focando seus esforços para os menos afortunados e dedicando seu tempo a caridade aos pobres. O interesse político tão vivo em Isidoro é um contraste enorme ao desinteresse de dona Isabel.

Ainda mais, Isidoro tinha consciência histórica exemplar, dando um ar de intencionalidade em suas produções e pregações. Seja para monges, eclesiásticos ou laicos, a História, para Isidoro de Sevilha, estava destinada a melhor formar e educar o conjunto dos grupos nobiliárquicos hispano-visigodos que integravam a sociedade política do reino. (FRIGHETTO, 2010, pp. 76). Já Isabel por conta de seu privilégio social se comporta alheia à percepção popular ou intelectual a seu respeito. De um lado, temos Isidoro que demorou aproximadamente novecentos anos para ser canonizado, ainda que sendo usado como exemplo por grandes vozes episcopais, enquanto Isabel já vinha recebendo uma campanha promovendo sua santidade logo após sua morte, de modo que a Rainha de Portugal foi canonizada trezentos anos depois – contudo, a Rainha já era celebrada como santa local em Portugal.

Certos santos são usados para reforçar algumas autoridades, como foi o caso de Santo Isidoro com o traslado de suas relíquias. O Bispo de Sevilha através de suas sacralidades afirmaria a superioridade do reino de Leão, valorizando o poder de Fernando I. Isabel, em contrapartida, não necessariamente reforça autoridade, considerando que seu reconhecimento ocorreu muito mais a partir da pressão indireta popular, que já a celebrava e a adorava muito antes de seu processo de beatificação.

Quanto a suas semelhanças, dentre suas comparações, a importância dos mosteiros em ambas suas trajetórias é um detalhe curioso, sendo esse local dedicado a uma vida simples, comunitária e devota. Enquanto Isidoro não somente conviveu nesse ambiente maior parte de sua vida, sua

preocupação era tanta com esse espaço que chegou a escrever regras monásticas descrevendo o que seria um mosteiro ideal em sua convivência e missão de caridade. Isabel em sua própria maneira também dava grande importância a esses espaços, a Rainha de Portugal sendo responsável pela reforma do mosteiro de Santa Clara-a-Nova e arbitrariamente passando seus últimos anos de vida vivendo como uma Clarissa.

Ambos esses indivíduos viviam isolados do resto da sociedade. Se enquanto Isabel se isolou primeiramente por questões políticas, dado seu exílio, e, posteriormente, por escolha como viúva, decidindo passar seus últimos anos inteiramente dedicada à Santa Clara em seu mosteiro, Isidoro era isolado pela vida que o prelado exigia dele. Da mesma forma, os dois passavam por jejuns, abdições e isolamentos direcionados ao foco à fé cristã. Seus martírios sendo extremamente parecidos – ainda que Isidoro não seja tão reconhecido pelos seus sacrifícios quanto Isabel.

O seu sofrimento decorre do isolamento do mundo e da ascese que pratica, mortificando seu próprio corpo com austeros jejuns, vivendo em grutas, cavernas, no meio de desertos ou florestas. Assim, sofre um martírio diário, não mais tendo a morte pela fé como objetivo último, mas sim a elevação espiritual pela vida contemplativa. (TOMAZ, 2011, pp.3)

Pode-se mencionar outra obra que também atua como Hagiografia para compreender a conexão entre Isabel e Isidoro. Em *Legende Sanctorum et Festivitatum aliarum de quibus Ecclesia sollempnizat*, de João Gil de Zamora, a avó da Rainha Santa, Isabel da Hungria, ter sido mencionada como patrocinadora é uma conexão direta entre Isidoro e dona Isabel de Aragão. Foi-se escolhida essa rainha justamente para apresentar a ideia de que Isidoro era bem-querido pela realeza europeia.

Por fim, é importante salientar que ainda que com diferenças mais notáveis do que semelhanças, Isidoro e Isabel perfeitamente representam como na Idade Média a mescla entre a política e a religião é inevitável. A disputa de poder entre a Igreja e a monarquia é um tópico muito visitado, porém a influência das duas constantemente se via intrínseca, o domínio de cada uma sempre estando separada por uma linha tênue facilmente atravessável. Independente da fé, a religião tem inegavelmente interesses políticos e eventualmente se torna ferramenta para a monarquia para afirmar seu poder. Ambas essas entidades, ainda que tentando limitar a influência uma da outra, trabalham juntas para manter sobre controle a narrativa, além de sua nação.

REFERÊNCIAS

Fontes

ISIDORO DE SEVILHA, *Etymologias*. OROZ RETA, José; MARCOS CASQUERO, Manuel A; DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. *San Isidoro de Sevilla. Etimologías*. Edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 2v.

NEMÉSIO, Vitorino. **Isabel de Aragão rainha santa**. 1 ed. Alfragide: Leya, 2011.

TUY, Lucas de. **Milagros de San Isidoro**. León: Universidad de León/Cátedra de San Isidoro, 1992.

VIDA E MILAGRES DONA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL. Texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por J. J. NUNES. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

WILLIAMS, John et al. **Beato de Fernando I y Sancha**. Barcelona: M. Moleiro, 2006.

Bibliografia

ATIENZA, Juan G. **Los peregrinos del Camino de Santiago: historia, leyenda y símbolo**. Série: Historia de la España sorprendente. Madrid: Temas de Hoy, 1993.

BARUQUE, Julio Valdéon. **Reflexiones sobre la cultura popular en la Edad Media. Edad Media: revista de historia**, n. 1, p. 15-28, 1998.

BARROS, José D'Assunção. **História comparada: um novo modo de ver e fazer a história**. Revista de História comparada, v. 1, n. 1, p. 1, 2007.

BARROS, José D'Assunção. **História e Memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Mouseion, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan. 2009.

BELLO, R. **Discursos Religiosos, Recriação Histórica e "Cultura do Caminho" nos Caminhos de Santiago**. Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 7, n. 1, p. 35–44, 2015. DOI: 10.18224/mos.v7i1.3979. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/3979>. Acesso em: 28 nov. 2024.

BENTO XVI, Papa. AUDIÊNCIA GERAL: **Santo Isidoro de Sevilha**. 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080618.html. Acesso em: 25 fev. 2024.

BLIKSTEIN, Izidoro. **As etimologias de Isidoro de Sevilha**. Língua e literatura, n. 7, p. 111-120, 1978.

BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra**. Editora Vozes, 2020.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

COLMEIRO, Manuel. **Cortes de los antiguos Reinos de León y de Castilla. Introducción escrita y publicada por Manuel Colmeiro**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999. Edición digital basada en la edición original: Madrid: Rivadeneyra, 1883-1884. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CYMBALISTA, Renato. **Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 14(2), 11-50. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142006000200002>

DA SILVA, André Filipe Oliveira. Elvira Mendes-**História de um silêncio. Reinas e infantas en los reinos medievales ibéricos**, 2018.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. **Isidoro de Sevilha nos legendários abreviados mendicantes hispanos do século XIII: uma abordagem historiográfica em perspectiva comparada**. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 28, p. 4, 2021.

DA SILVA, José Antunes. **Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina**. Theologica, v. 39, n. 2, p. 331-357, 2004.

DE OLIVEIRA, Miguel. **Lendas apostólicas peninsulares**. Lusitania sacra, n. 4, p. 7-27, 1959.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. **Titulaciones regias en la monarquía visigoda**. 1976.

DO VALLE RIBEIRO, Daniel. **O pensamento político de Isidoro de Sevilha**. Estudos Ibero-Americanos, v. 15, n. 2, p. 347-356, 1989.

DUARTE, Teresinha Maria. **Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo de santidade feminina e leiga**. DOI10. 5216/o. v6i1. 9320. OPSIS, v. 6, n. 1, p. 129-141, 2006.

ELIAS, Margarida. **MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA-COIMBRA**. 2018.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **Uma breve história do fazer lexicográfico**. Trama, v. 3, n. 5, p. 89-97, 2007.

FALQUE REY, Emma. **Lucas de Tuy, falsificador**. Antigüedad y cristianismo: monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, 29, 189-198, 2012.

FELDMAN, Sergio Alberto. **Judeus, escravos e proselitismo na Espanha visigótica**. IN: **História: questões e debates**. Curitiba: UFPR, ano, v. 19, p. 145-157, 2002.

FERNANDES, Fabiano; SCHMITT, J. (Org.) ; NASCIMENTO, R. C. S. (Org.) . **Crises, Epidemias e Fomes: Memórias da Idade Média**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. 199p.

FRANCO, António Cândido. **Os Pecados da Rainha Santa Isabel**. 1 ed. Ésquilo, 2010

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Relíquia, metonímia do sagrado**. *Historiæ*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9–29, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2350>. Acesso em: 09 fev. 2024.

FRIGHETTO, R. (2022). **Entre a Antiguidade e a Idade Média: algumas considerações sobre a Antiguidade Tardia (séculos II – VIII)**. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, (21), 59–71. Recuperado de <https://www.dialogosmediterraneos.com.br/RevistaDM/article/view/432>

FRIGHETTO, Renan. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII)**. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010.

GIMENEZ, José Carlos. **O Papel Político da Rainha Isabel de Portugal na Península Ibérica: 1280-1336**. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

GIMENEZ, José Carlos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **TRASLADO DAS SANTAS RELÍQUIAS EM PORTUGAL E NO BRASIL: um fenômeno de longa duração. UM FENÔMENO DE LONGA DURAÇÃO**. 2023. Disponível em: <https://revistas.ucv.es/specula/index.php/specula/article/view/1125/1229>. Acesso em: 24 fev. 20

GIMENEZ, José Carlos. **Rainha Santa Isabel: a (re) construção de uma hagiografia**. *Revista Mosaico-Revista de História*, v. 6, n. 2, p. 195-203, 2013.

GOMES, Joana. **Santos e reis na historiografia dinástica em Leão e Castela (1120-1194)**. *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 27, p. 35-57, 2021.

GOMES, Joana. **Reis e Santos na historiografia dinástica em Leão e Castela (1120-1194)**. *VS* 27 (2020), p. 33 – 57.

GOMES, Maria Joana Matos. **O rei da escrita: as múltiplas faces de Afonso VI (séculos XII e XIII)**. 2017. 24.

GOMES, Rosa Varela. **Convivência entre cristãos e muçulmanos, no Algarve, durante a Idade Média**. *Formes de Convivência a la baixa edat mitjana*, Pages editors, p. 61-74, 2015.

GONZÁLEZ, Raquel Jaén. **La recuperación de las pinturas murales de la Cámara de Doña Sancha en la Real Colegiata de San Isidoro de León: una nueva mirada**. *BSAA arte*, n. 85, p. 31-59, 2019.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio**. *Varia história*, v. 22, p. 261-273, 2006.

HERRERA, Isidoro Rodríguez. **Cuatro santos de Cartagena: la Mariología de San Leandro**. *Scripta Fulgentina: revista de teología y humanidades*, v. 6, n. 11, p. 77-86, 1996.

JUSTEN, Paula de Souza Valle. **Sevilha, terra de conquista: colonização e reordenação territorial através dos diplomas régios de Alfonso X (1252-1284)**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.

KRUS, Luís. **Os heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a Primeira Crónica Geral de Espanha**. Penélope: revista de história e ciências sociais, n. 4, p. 5-18, 1990.

KUBLER, George (1988). **A Arquitectura Portuguesa Chã, entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706**. Lisboa: Editorial Veja.

LAUWERS, Michel. **Mosteiros, lugares de vida e espaço social: sobre a construção dos complexos monásticos no Ocidente Medieval**. Territórios e Fronteiras, v. 7, n. 2, p. 4-31, 2014.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 315-316.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LUENGOS, José María Santamarta. **El Camino de Santiago en León**. In: **El Camino de Santiago: historia y patrimonio**. Universidad de Burgos, 2011. p. 139-151.

MARQUES, Luís Henrique. **As hagiografias como instrumentos de difusão do cristianismo católico nos meios rurais da Espanha visigótica**. 2009.

MARTÍN-IGLESIAS, José Carlos. **Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de Juan Gil de Zamora (o. Min.): metodologia de uma edición crítica**. In: PENA GONZÁLEZ, Miguel Anxo; DELGADO JARA, Inmaculada (coord.). *Métodos y técnicas en Ciencias Eclesiásticas*: Fuentes, historiografía e investigación. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2015. p. 139-164.

MARTÍN, José Carlos. **El corpus hagiográfico latino en torno a la figura de Isidoro de Sevilla en la Hispania tardoantigua y medieval (ss. VII-XIII)**. Veleia, n. 22, 2005.

MARTIN, Therese. **Una reconstrucción hipotética de la portada norte de la Real Colegiata de San Isidoro, León**. 2008.

MASSARELLI GONZÁLEZ, Roberto Aurelio et al. **Isidoro de Sevilla, vida, obra e influencia histórica**. 2019. Tese de Doutorado. Universidad Gabriela Mistral.

MATA, María Ángela Franco. **La portada del Perdón: San Isidoro y el Camino de Santiago en León (y II)**. Argutorio: revista de la Asociación Cultural "Monte Irago", v. 26, n. 52, p. 61-67, 2024.

MEDEIROS, Aldinida. **Entre ficção e história: Isabel, a rainha Santa de Portugal**. Revista Graphos, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2019.

MEDINA, Julio. **O Caminho de Santiago e a História Medieval**. História, v. 4, p. 150-170, 2020.

MICHELETTE, Pâmela Torres. **A concepção de realeza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha.** 2012.

MICHELETTE, Pâmela Torres. **Educação e cultura no reino visigodo: o ideal de educação em Isidoro de Sevilha.** 2018.

MOLINA, Ángel Gabriel Gordo. **El mito que hace historia. Urraca I de León (1081-1126) en la historia compostellana (c. 1107-1149).** *Historia* 396, v. 8, n. 2, p. 91-118, 2018.

MORENO MARTÍN, María Rosa et al. **El Camino de Santiago por Castilla y León.** Estudio de nueve albergues. 2015.

NASCIMENTO, R. C. S. **A Visibilidade do Sagrado:** relíquias cristãs na Idade Média. Curitiba: Prismas, 2017.

NASCIMENTO, R. C. S. **As relíquias cristãs e a apropriação simbólica do território.** *Opsis*, v. 18, n. 1, p. 142-153, 2018.

NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. In: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé: narrativas e sacralidades no mundo ibérico.** Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa & SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org). **Dicionário: Cem Fragmentos Biográficos: A Idade Média em Trajetórias.** Goiânia: Editora Tempestiva, 2020.

NASCIMENTO, R. C. S. Relíquias e peregrinações na Idade Média. In: SILVA, P. D; NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Ensaio de História Medieval: temas que se renovam.** Curitiba: CRV, 2019.

NOBRE, Sergio. **Isidoro de Sevilla e a história da matemática presente em sua Enciclopédia etimologias (séc. 7).** *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 5, n. 9, p. 37-58, 2005.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

PEDRONI, Fabiana. **Sobre a Ornamentalidade Medieval: estudo do Fólio 112v do Beatus de Facundus*** *Sur L'Ornementalité Médiéval: étude du Folio 112v du Beatus de Facundus.* *História e Cultura*, v. 2, n. 3, p. 394-413, 2013.

PIMENTEL, António Filipe (1999). **Mosteiro - Panteão / Palácio - Mosteiro: notas para o estudo do mosteiro novo de Santa Clara de Coimbra.** *Imagem de la Reina Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal.* Zaragoza: Diputación Provincial, vol. II.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, no 3, 1989.

RAMÔA, Joana. **Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade**, *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 08 agosto 2013, consultado o 23 março 2025. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/356>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.35>

REY, Emma Falque. **De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro**. Anuario de Historia de la Iglesia andaluza, n. 9, p. 11-31, 2016.

RIBEIRO, D. V. (1992). **Isidoro de Sevilha e a Espanha Visigótica**. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 161-168. <https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.827>

RIBEIRO, Thiago Juarez. **A Realeza Cristã na Gália merovíngia e na Espanha visigótica: um estudo comparativo**.

RUI, A. J. **O CAMINHO DE SANTIAGO NO SÉCULO XII: ESPAÇO DE PROPAGAÇÃO DOS IDEAIS REFORMISTAS DA IGREJA**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 59. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2017v59p43-73>.

SANTOS, Cristiane Sousa. **Os milagres de São Tiago no Liber Sancti Jacobi**. *Anais Eletrônicos, Goiás*, v. 11, n. 3, p. 679-688, 2016.

SANZ, María Jesús. **El culto a San Isidoro: reliquias e imágenes**. *Iconografía sevillana. Estudios humanísticos. Geografía, historia y arte*, n. 21, p. 187-218, 1999.

SAVERGNINI, Andréia. **Isidoro De Sevilha E Sua Contribuição Na Construção Da Espanha Visigótica**.

SIMÕES, André Filipe Veloso Nunes. **O Leão e o Dragão no Imaginário da Restauração. Quando Portugal era reino de Leão: estudos sobre cultura e identidade antes de D. Afonso Henriques**, p. 243-257, 2011.

SOUZA JUNIOR, Almir Marques de. **Teoria política e poder régio em Castela (1252-1284)**. 2014. 197 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2014.

SUHET, Renato Romulo dos Santos et al. **FENOMENOLOGIA DA CANONIZAÇÃO**. 2014.

TAVARES, Pedro Manuel Pereira da Silva. **O Claustro do Mosteiro de Santa Clara-A-Nova de Coimbra e o seu contexto histórico, simbólico e arquitetónico. A restauração e a influência da cultura político-religiosa feminina da Casa de Habsburgo na arquitetura original do Mosteiro**. 2023.

TEJEDO, Manuel Carriedo. **La ascendencia de Vermudo II (982-999): Un rey educado en Santiago a la sombra de San Rosendo**. *Annuarium Sancti Iacobi*, n. 3, p. 19-43, 2014.

TOMATIS, Francisco et al. **Evaluation of Urban Sustainability in Cities of The French Way of Saint James (Camino de Santiago Francés) in Castilla y León according to The Spanish Urban Agenda**. *Sustainability*, v. 14, n. 15, p. 9164, 2022.

TOMAZ, RODRIGO BALLESTEIRO PEREIRA. **VIRTUDES CRISTÃS EM ISIDORO DE SEVILHA—A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA**. Simpósio Nacional de História, XXVI. Anais... ANPUH, São Paulo, 2011.

URBANO, Carlota Miranda. Colóquio **Santa Isabel Rainha de Portugal: culto e relíquias**. 2012.

UTRERO AGUDO, María de los Ángeles; MURILLO FRAGERO, José Ignacio. **San Isidoro de León. Construcción y reconstrucción de una basílica románica**. 2014.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.

VIEIRA, Guilherme Lopes. **O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica**. Mosaico, v. 8, n. 12, p. 139-162, 2017.